

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BEATRIZ BARROS E SILVA SZPAK FURTADO

**AVATAR O FILME: UMA ANÁLISE CINEMATOGRAFICA COM O
MOVIMENTO AMBIENTALISTA E A AUTODETERMINAÇÃO DOS
POVOS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**Recife
2023**

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BEATRIZ BARROS E SILVA SZPAK FURTADO

**AVATAR O FILME: UMA ANÁLISE CINEMATOGRAFICA COM O
MOVIMENTO AMBIENTALISTA E A AUTODETERMINAÇÃO DOS
POVOS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso de
Relações Internacionais, sob orientação do
Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva**

Recife
2023

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

F992p Furtado, Beatriz Barros e Silva Szpak.
Avatar o filme: uma análise cinematográfica como o movimento ambientalista e a autodeterminação dos povos das Relações Internacionais / Beatriz Barros e Silva Szpak Furtado. – Recife, 2023. 54 f. .: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Movimento ambiental. 2. Princípio da autodeterminação dos povos. 3. Avatar. 4. Filmes. 5. Indústria cinematográfica. 6. Relações Internacionais. I. Silva, Rodrigo Santiago da. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2023.2-003)

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BEATRIZ BARROS E SILVA SZPAK FURTADO

**AVATAR O FILME: UMA ANÁLISE CINEMATOGRAFICA COM O
MOVIMENTO AMBIENTALISTA E A AUTODETERMINAÇÃO DOS
POVOS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso de
Relações Internacionais, sob orientação do
Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva**

Aprovada em 15/12/2023

BANCA EXAMINADORA

**Profª. MSc. Artemis Cardoso Holmes
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ**

**Prof. MSc. David José Pereira Gonzaga
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ**

**Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ**

Recife
2023

Como eu gosto muito de escrever, gostaria de começar dedicando aos meus autores favoritos, cujas obras eu acompanhei durante toda minha infância e juventude praticamente: Hajime Isayama, autor do mangá *Shingeki no Kyojin* (meu favorito de todos os tempos). Naoko Takeuchi, a autora dos mangás *Sailor Moon*, que me introduziu aos mangás, e à obras com protagonismo feminino e LGBT. E como falarei muito sobre obras visuais, Reki Kawahara, que me introduziu ao mundo dos animes com *Sword Art Online*. E por último, Stephen King, que gostei de todas as leituras que fiz dos seus livros de terror.

Esses autores me fizeram gostar de escrever, e de criar histórias. Dessa forma, escrevi muito na minha infância, aprendi melhor a gramática portuguesa para escrever e falar, me fazendo lembrar do meu próprio pai, que também gosta de escrever bonito. Em contraste à minha mãe, que tem uma dinâmica mais divertida que amo.

Por fim, eu gostaria de dedicar este trabalho a mim mesma, que produzi de forma completamente insegura durante todo o ano de 2023. Mostrando a minha coragem e a minha capacidade acadêmica ao produzir um tema incomum dentre o curso. Se tornando, então, um dos meus temas favoritos para pesquisar. É sobre fazer o que eu amo por 1 ano.

AGRADECIMENTOS

Relações Internacionais foi o primeiro curso que escolhi fazer, e acho que acertei em cheio. Gostaria de começar agradecendo aos meus pais, Érika e Luciano, que me incentivaram e puderam me ajudar a fazer este curso em faculdade privada. Que me apoiam a participar em eventos, a ser corajosa, e me ajudaram muito no quesito transporte.

Os anos de 2022 e 2023 foram os anos mais pesados para mim durante meu ensino superior. Eu estudava presencial e estagiava pela primeira vez. Portanto, me sinto grata pelas amizades de longa data, e pelas novas amizades que fiz, que irei citar a seguir.

Começando com meus amigos próximos, Iris, Laila e Paulo. Ao meu namorado Yitzhak, que escolheu ficar ao meu lado, criando grandes momentos incríveis com muitas risadas ao longo desses anos. Aos amigos que fiz na faculdade (gostaria muito de continuar vendo vocês ao longo dos próximos anos!) Foram *muitas* amizades, então irei citar brevemente: Gabi Maia, que na verdade já somos amigas desde o colégio, Duda Lopes, Natália Béder, Luana Mello, Bia Bia (Gama), Vinicius Santos, Bruno Hopper, Amanda Auriline, Ingrid Duarte, Guilherme Sales (estudou comigo no colégio também), Nycollas, e gostaria de agradecer ao meu orientador, prof. Rodrigo. Aos meus colegas de estágio que passaram por mim, Guilherme Souza (Guizzy), compartilhando desabafos e muita música. E Artur Gama, que já éramos amigos antes do estágio, mas foi em 2023 que intensificamos a nossa amizade. Assim como Gabriel Gondim, já nos conhecíamos mas decidimos nos conhecer melhor neste ano.

Por fim, gostaria de agradecer a mim mesma, por seguir em frente e continuar a ser uma pessoa corajosa. E agradeço à minha psicóloga Patrícia Mello, que caminha junto comigo desde 2020.

RESUMO

Esta presente monografia é um estudo de caso do filme *Avatar* (2009), que contém uma breve sinopse do filme na introdução. O objetivo geral do trabalho é fazer a análise cinematográfica do filme *Avatar* (2009) diante dos estudos das Relações Internacionais, por meio da técnica de análise semiótica de Lakshmi (1986). De início, este trabalho utiliza e apresenta os pensamentos do movimento ambiental e do princípio da autodeterminação dos povos, para falar da relação dos seres humanos com o meio ambiente natural e os seres vivos. Dentro do movimento ambiental, há o debate sobre a teoria da política Verde, que é demonstrado no marco teórico deste trabalho. Para o segundo capítulo, é apresentado a relação entre a indústria cinematográfica e o curso de Relações Internacionais no decorrer da história. Contendo uma gama de filmes de gêneros distintos para servir de exemplos. Por último, é apresentado o estudo de caso, cujo objeto de estudo é o filme *Avatar* (2009), um filme de gênero ficção científica, mas que trata de questões ambientais e sustentáveis para o espectador. Portanto, é demonstrado como o filme aborda as questões ambientais, e o princípio da autodeterminação dos povos para o ambiente ficcional.

Palavras chave: movimento ambiental; princípio da autodeterminação dos povos; Avatar; filmes; indústria cinematográfica; Relações Internacionais.

ABSTRACT

This paper is a case study of the Avatar (2009) movie, including a brief synopsis of it in the introduction. The general goal of the paper is a cinematographic analysis of the Avatar (2009) movie, using the International Relations studies and concepts, and it was done through the semiotics technique of Lakshmi (1986). The environmental movement's thoughts and theories, plus self-government principle, are the main references in this paper to discuss the relations between human beings and nature or living beings. In the environmental movement, there is a debate about the Green Political Theory, which is presented in the first part of the paper. For the second part, it presents the historical connection between the cinematographic industry and the area of International Relations. Including various examples of movies with distinct genres to problematize. Lastly, it presents the case study of this paper, which the study object is the movie Avatar (2009). It is a scientific fiction movie genre, but it shows the environment and sustainable matters for the viewer. Therefore, this movie was chosen to discuss the environmental movement and self-government in a fictional story.

Key words: environmental movement; self-government principle; Avatar; movies; cinematographic industry; International Relations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Parker e o <i>Unobtainium</i>	43
Quadro 2 - <i>Tree of Souls</i>	47
Quadro 3 - <i>Hometree</i>	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O MOVIMENTO AMBIENTAL E A TEORIA DA POLÍTICA VERDE.....	13
2.1	O movimento ambientalista e o debate da teoria da política verde.....	13
2.2	A questão social do filme Avatar: O socioambiental.....	23
2.3	Conclusões.....	25
3	AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A INDÚSTRIA	
	CINEMATOGRAFICA.....	27
3.1	Por que levar as Relações Internacionais para a indústria cinematográfica?.....	27
3.2	A atuação dos filmes na política internacional.....	31
3.3	A atuação dos filmes na sociedade internacional.....	33
3.4	Conclusões.....	37
4	O ESTUDO DE CASO: FILME AVATAR.....	39
4.1	A técnica de análise cinematográfica: Análise semiótica.....	39
4.2	Estudo de caso: O filme Avatar.....	42
4.3	Conclusões.....	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um estudo de caso do filme *Avatar* (2009), uma ficção científica do diretor James Cameron, dentro dos estudos das Relações Internacionais. É utilizado os conceitos do movimento ambientalista, e o conceito do princípio da autodeterminação dos povos. Rodeando a área de resolução de conflitos de maneira mais sustentável, especificamente os que envolvem o meio ambiente. Se dará diante do respeito e da paz entre os seres humanos e o meio ambiente natural. O estudo de caso vai acontecer por meio da técnica de análise cinematográfica, durante o período da convivência entre os seres humanos e o povo ficcional Na'vi, nativos da lua de Pandora.

No filme *Avatar* (2009), o ano é 2154 e os seres humanos já esgotaram os recursos naturais do planeta Terra, levando a uma crise econômica e energética sem precedentes. Portanto, eles iniciam uma missão interplanetária em busca de outro lugar para habitação. Nesse contexto, encontram a lua de Pandora, que, de acordo com a ficção, se assemelha muito com as características do planeta Terra. Nesta lua, descobrem um minério precioso que vão nomear de *Unobtainium*¹ (também nomeado ficticiamente de Ubh-310), tornando o novo objetivo da missão a sua mineração para o uso econômico, tecnológico e energético no planeta Terra. Enquanto isso, na floresta de Pandora, vive o clã Omaticaya, que faz parte do povo nativo chamado Na'vi, que já habitavam esta lua antes dos humanos chegarem. Esse clã vai tentar resistir ao avanço dos humanos no seu ambiente natural, visto que a mineração do *Unobtainium* é uma ameaça constante à sua existência e ao meio ambiente, e isso consequentemente impede que os humanos avancem com os seus interesses em Pandora. Gerando, então, um conflito entre essas duas espécies; sendo essa a principal mensagem que o diretor roteirista quer passar para o seu público através das telas.

Iniciado o conflito entre as partes, a atitude do coronel da missão, Miles Quaritch², junto com o líder administrativo Parker³, foi o uso da força armada para obter-se o minério. Bombardearam os locais onde se tinha a maior concentração deste minério: a *Tree of Souls* e a *Hometree*, que são locais onde o clã Omaticaya povoam, e também sagrados para a sua cultura. Como consequência dos ataques, esse clã foi induzido a migrar forçadamente em busca de um outro local para habitar, e os humanos conseguiram alcançar o objetivo da mineração e extração de recursos.

¹ *Unobtainium* é um termo usado na ficção para um material ideal com uma aplicação específica para cada caso, mas praticamente difícil de obter. Como a própria tradução sugere, é um formato de paronomásia (trocadilho) com um prefixo negativo “un” e a palavra “obtain”, do inglês obter.

² Interpretado pelo ator Stephen Lang.

³ Interpretado pelo ator Giovanni Ribisi.

O tema escolhido se dá como relevante para o estudo das Relações Internacionais, pois trata-se de questões ambientalistas e sustentáveis do movimento ambiental internacional, e o princípio da autodeterminação dos povos. No filme *Avatar* (2009), há a constante prática destrutiva humana diante do meio ambiente causada pelo interesse material, e o desrespeito pelo outro e sua cultura, e pela própria natureza, levando à violação do princípio da autodeterminação dos povos. Desenrolando-se um conflito armado que leva a grandes consequências negativas para Pandora, causadas pelas ações do grupo de humanos. Por conseguinte, a análise dessas consequências no território extra-terrestre também acabam sendo pertinentes para as Relações Internacionais. E se não fosse pela violação do direito da autodeterminação do clã Omaticaya, a catástrofe ambiental poderia ter sido evitada na floresta de Pandora, evitando as consequências que afetam as vidas que estavam ali presentes.

Vale ressaltar que a pesquisa se dá pelo contexto atual do ano de 2023, que coincide em ser logo após a realização da Cop28 em Dubai, realizada periodicamente pela Conferência das Nações Unidas sobre o Clima e Meio Ambiente. Portanto, está dentro de um período cujas pessoas e líderes tentam agir de acordo com o desenvolvimento sustentável, preocupando-se com o futuro das gerações na Terra e, também, com as relações entre as pessoas e o meio ambiente.

Para aprofundar a introdução deste trabalho, o objetivo geral desta pesquisa, é analisar cinematograficamente o filme *Avatar* (2009) de James Cameron diante dos estudos das Relações Internacionais. E o segundo capítulo será o marco teórico desta monografia. Será abordado sobre o movimento ambiental em si, e o debate do movimento ambiental, com ênfase na teoria da política Verde. Esse debate gira em torno das atitudes destrutivas humanas que são constantes ao longo da história, principalmente contra o meio ambiente e os seres vivos. Mostrará todos os principais conceitos da teoria e debate, críticas e pensamentos a respeito da relação dos seres humanos com o meio ambiente natural. Assim como, abordará sobre o princípio da autodeterminação dos povos, um dos grandes conceitos das Relações Internacionais, e a parte socioambiental do filme.

O terceiro capítulo será uma revisão histórica de literatura, trata-se da questão sobre as Relações Internacionais e a indústria cinematográfica, de como é possível relacionar essas duas áreas historicamente, e como os filmes podem ser utilizados para influenciar a política internacional. Em suma, vai ser mostrada uma gama de filmes para servir de exemplos históricos, de como esses filmes/obras influenciaram a política internacional, a sociedade, o espectador, e como podem representar uma realidade de determinado período. Apresentando,

também, a pergunta de pesquisa deste trabalho: Por que levar as Relações Internacionais para a indústria cinematográfica? Dessa forma, será visto toda a problemática dessas duas áreas de forma histórica, concluindo a relação que ambas possuem.

A forma como se cria e se resolve o conflito neste filme, em ordem de se alcançar os interesses humanos (primordialmente materiais), será a análise central do estudo de caso do filme *Avatar* (2009). Se dará por meio de uma análise cinematográfica, aplicando a técnica de análise semiótica de Lakshmi (1986), que será abordado no último capítulo desta monografia. Ou seja, este capítulo vai apresentar a metodologia e focar no estudo de caso desta monografia. Será detalhada a técnica de análise semiótica de Lakshmi (1986), e colocado em prática no estudo de caso do filme *Avatar* (2009).

A metodologia aplicada para a pesquisa é o método monográfico. É utilizada a técnica de análise cinematográfica, e semiótica de Lakshmi (1986), do filme *Avatar* (2009) de James Cameron, com a utilização de materiais como o documento da Carta do Atlântico (1941), que vai embasar o conceito da autodeterminação dos povos. A internet em si, com podcast entrevistando professores brasileiros da área, publicações de estudos acadêmicos referente às Relações Internacionais, ciência política, movimento ambiental e a indústria cinematográfica no internacional. Por fim, o blog *Fandom.com*, para reforçar as informações sobre o filme *Avatar* (2009).

2 O MOVIMENTO AMBIENTAL E A TEORIA DA POLÍTICA VERDE

Para este capítulo da monografia, será debatida a teoria da política Verde entre os pensadores verdes e os ambientalistas, com ênfase na teoria. Esta é uma teoria das Relações Internacionais que surgiu no período contemporâneo da história, possuindo um viés ambientalista. Estando dentro do movimento ambientalista internacional, os verdes são categorizados como o tipo mais recente do movimento. A identidade deste tipo é a preocupação pela proteção do meio ambiente (que os verdes acreditam estar chegando no estágio avançado de devastação), e uma crença na mudança e transformação das relações entre os humanos e o meio ambiente natural. Será debatido, inicialmente, as posições de alguns verdes como Dobson (1990), Eckersley (1992), e outros autores críticos do assunto como Dryzek (1993), Murphy (1993) Paterson (2005), Macdonald (2007), incluindo perspectivas de brasileiros sobre a teoria. Os verdes e os ambientalistas possuem suas diferenças, porém, a ecologia é um elemento comum identificado entre todos os tipos dentro do movimento ambiental internacional. Por fim, posteriormente, será debatido como o socioambiental, em especial o princípio da autodeterminação dos povos das Relações Internacionais pode se relacionar com o filme *Avatar* (2009), objeto de pesquisa em questão.

2.1 O MOVIMENTO AMBIENTALISTA E O DEBATE DA TEORIA DA POLÍTICA VERDE

Contextualizando o filme de forma resumida neste capítulo, os humanos decidiram agir de forma bélica contra o clã Omaticaya, pois perceberam que a tentativa de diálogo com o clã extraterrestre era a opção mais lenta para se alcançar o objetivo. Portanto, a opção do uso da força armada se apresentava como menos lenta, tendo em vista o interesse em Pandora.

No filme, como dito anteriormente, o objetivo dos humanos na lua de Pandora é a extração do minério, que é considerado um interesse material. Esta situação de missão de extração mineral relembra as expedições mercantilistas européias na América Latina e nas demais nações, mas principalmente no continente americano, em busca do ouro e das outras especiarias no século XV (vulgo, o interesse material). Porém, a utilização da teoria colonial não se torna muito aplicável para esta pesquisa, visto que o objetivo dos humanos na lua de Pandora era unicamente a extração do minério. Sendo assim, o objetivo, então, era a destruição do ambiente almejando-se a extração de uma única coisa: o *Unobtainium*. Se tornando uma atitude de poder, desrespeitosa com o outro (com o clã) e não sustentável com o

ambiente. Dito isso, a visão humana que se teve diante de todo o ambiente extraterrestre era da utilidade do recurso natural.

Essa visão, de acordo com os verdes, é causada pela lente desenvolvimentista; e de acordo com os ambientalistas, é culpado o liberalismo. É sobre esta visão humana a respeito do meio ambiente natural, e as atitudes destrutivas, que este debate ambiental abordará.

De início, a questão ambiental emergiu na sociedade internacional diante da primeira conferência internacional sobre o meio ambiente humano, a Conferência de Estocolmo em 1972, organizada pelas Nações Unidas (ONU). Mesmo assim, o debate nesta conferência não alcançou todas as questões e problemas ambientais e sustentáveis que existem hoje. Logo, pode-se dizer que antes disso, o meio ambiente natural era visto somente como recurso útil para extração e faturamento, também chamados de recurso natural, sem dar a devida importância para a preservação dos ambientes. Por isso, se viu a necessidade desta conferência internacional. Contudo, pode-se afirmar que o movimento ambiental só emergiu e foi ganhar força internacionalmente após um acontecimento na região norte do Brasil: o assassinato do líder ambientalista e ecologista Chico Mendes⁴, no Estado do Acre em 1988, 16 anos após a primeira conferência internacional sobre o meio ambiente.

Durante o mesmo período, em meados da década de 1970, cresce um movimento ambiental em diversos países. Baseado na teoria política, é um movimento que perdura até hoje, que acabou dividindo-se em dois lados: os verdes e os ambientalistas. No ano de 2005, o autor Paterson (2005) publicou um *guide book* com a teoria da política Verde⁵, trazendo uma questão humano-ambiental para as Relações Internacionais diante das crises socioambientais e ecológicas advindas do crescimento e desenvolvimento humano (Burchill, 2005, p.235).

A literatura do movimento ambiental contribuiu com duas grandes vertentes para as Relações Internacionais e para a política internacional: A teoria da política Verde com verdes como Dobson (1990), Eckersley (1992), Dryzek (1993) e Paterson (2005); e a “ecologia global”⁶ ou ambientalistas como Shiva (1988) e Murphy (1993). Esta pesquisa se deu diante do debate surgido das críticas do movimento à teoria verde e alguns posicionamentos ambientalistas.

Visando a importância da literatura da teoria, a política Verde possui três princípios em que os teóricos verdes se baseiam: O princípio do ecocentrismo, princípio dos limites de

⁴ Chico Mendes era um líder brasileiro extrativista seringueiro na região Amazônica, fundador da primeira reserva extrativista de seringueiras no Brasil. Ele defendia os direitos dos seringueiros e dos indígenas, e lutava contra a destruição da floresta e a favor de uma extração mais sustentável.

⁵ No original: *Green Politics Theory*, ou GPT como costuma aparecer nos textos.

⁶ No original: *Global ecology*. Pensadores que se baseiam nesta corrente possuem posições diferentes da dos verdes, são chamados de ambientalistas, ou, *environmentalists*.

crescimento e pós-desenvolvimento, e o último a descentralização (Burchill, 2005, p.236). Esses três princípios, resumindo o autor Paterson (2005), vão explicar a destruição (ambiental) feita pelas sociedades humanas, e a necessidade da criação de normas para resistir a essas destruições em ordem de criar sociedades mais sustentáveis (Burchill, 2005, p. 236).

Inicialmente, Dobson (1990) é um dos primeiros autores da teoria, fazendo com que seus trabalhos sejam constantemente citados em outros trabalhos dos verdes, tornando os seus trabalhos introdutórios para o tema. Ele vai começar sugerindo que existe uma relação íntima entre a natureza e a política. Afirmando que “o conhecimento sobre o que é política, está vinculado com o conhecimento sobre o que é a natureza” (Dobson, 2008, p. 286)⁷. O conceito da sustentabilidade inserida na sociedade (como, por exemplo, na primeira conferência ambiental) ainda era muito centralizada nos humanos e no seu bem-estar, para que não decrescesse esse bem-estar. Ele conclui que, dessa forma, a responsabilidade pela sustentabilidade e pela natureza, portanto, era vazia. Ao invés disso, deve-se ser comprometido com a natureza, e com a proteção do mundo não-humano (Dobson, 2008, p. 288). O termo mundo não-humano é muito usado neste debate para se referenciar o todo ecossistema de um ambiente natural, e aos seres vivos nele. A questão agora é como a sociedade vai atribuir algum tipo de valor à natureza e ao mundo não-humano, para iniciar esse compromisso com a sustentabilidade.

Atribuir valor a esse mundo não-humano não seria de forma econômica. Dobson (2008) e Holland (1999) vão sugerir uma forma mais simples de atribuir valor ao mundo não-humano, e isso seria de maneira contada, como, por exemplo, expor dados quantitativos sobre fatos ambientais, e sobre degradações ambientais. Isso acontece quando é publicado notícias sobre espécies de animais que estão entrando em extinção ou já extintos, ou quando há gráficos demonstrando a diferença da cobertura de uma floresta ao decorrer dos anos. Dessa forma, é demonstrado as dificuldades do mundo natural, atribuindo uma percepção desse mundo não-humano. Levando a uma concordância de que a natureza existe. Para Dobson, “não há necessidade de provar a existência da natureza, somente a concordância da ideia de que ela existe” (2008, p.289)⁸ é o suficiente.

Nesse cenário de percepção do mundo não-humano, acenderam muitos sofismos, negações deste mundo (assim como o negacionismo). O sofismo é um raciocínio que defende algo falso, para confundir e até iludir. Pois no fundo, é uma reprodução inconsistente,

⁷ No original: [...] our understanding of what politics is, is bound up with our conception of what nature is.

⁸ No original: The discourse that follows does not depend on prior ‘proof’ that nature exists, only agreement that the idea of nature exists.

incorreta e na grande maioria das vezes equivocada. Muito sofismo foi proferido no governo brasileiro durante o período da ditadura militar, a respeito da floresta Amazônica, para “tomá-la”, em razão da extração de todos os recursos naturais da floresta. A citação a seguir de Giddens (1994) serve como exemplo de sofismas para Dobson (2008): “Natureza não existe mais, foi dissolvida” (Giddens, 1994 apud Dobson, 2008, p. 288)⁹. Assim como algumas falas do personagem Parker e do Coronel Miles são reproduções de sofismas no filme *Avatar* (2009), ao decidirem atacar os locais sagrados do clã, ao dizer que são só árvores, não são sagradas para ninguém.

Como Dobson (2008) afirma que há relação entre a natureza e a política, para isso ele questiona “o que é política”. Para essa pergunta, ele percebe uma contraposição entre a “esfera política” e “esfera da natureza”. Por exemplo, ao perguntarem “o que não é política” a natureza é vista constantemente como uma resposta para essa pergunta, e os humanos são considerados como os únicos “seres políticos” da história da humanidade. Então o autor vai aprofundar essa correlação que os humanos têm com a natureza, e cita Aristóteles para unir esse debate com a teoria política: “o ser humano é por natureza um animal político”. Dobson (2008) questiona o porquê dos humanos serem os únicos capazes de fazer política, e quais são as características atribuídas aos humanos para se considerarem os únicos “seres políticos”. Essa distinção entre humanos e a natureza, sobre as capacidades e características políticas atribuídas aos seres humanos, é pertinente para a discussão, pois “se a natureza não existisse, seria necessário a invenção de algo do tipo, para se questionar o porquê dos seres humanos serem os únicos capazes de fazer política, e de serem políticos” (Dobson, 2008, p. 290)¹⁰. É importante pois, se não houvesse tal distinção, haveria que distinguir também os animais do mundo inanimado da natureza. Mostrando que essa definição, dos humanos de serem os únicos seres políticos, é bastante instável. Mas, foi concluído que os humanos possuem a capacidade do discurso (da fala) e do intelectual¹¹. Encontrando a distinção, Dobson (2008) usa Kant para abrir o debate sobre humanos contra a natureza.

O conceito da autonomia de Kant vai ser reutilizado pela teoria da política Verde, em que os verdes vão inferir que todos os seres vivos são autônomos, não só os humanos. Mas para Kant, a autonomia é uma peculiaridade humana, que somente seres racionais possuem, e na natureza as coisas acontecem de forma dependente, de acordo com o pensamento de Kant

⁹ No original: Nature no longer exists. Nature... has all but dissolved.

¹⁰ No original: We might say that if nature (or at least non-human animals) did not exist, then Aristotle would have had to invent something very like them in order to get this account of politics off on the right foot.

¹¹ Do restante das capacidades mencionadas no texto de Dobson (2008), como a cooperação, comunicação, emoções e sentimentos, é acreditado que ambos humanos e animais são capazes de fazer e sentir.

(Dobson, 2008, p. 291). Essa autonomia se torna um conceito para os verdes, de acordo com Paterson (2005), ela vai ser atribuída também para o mundo não-humano, fazendo com que limitasse as ações humanas para não degradar o meio ambiente natural. Pois, se todos os seres possuem autonomia de suas vidas, vai haver uma necessidade da convivência entre os dois mundos, e não a imposição dos humanos no mundo não-humano. Isso é o conceito de inter-relações entre o mundo humano e o não-humano, o ponto chave para a teoria (Burchill, 2005, p. 238).

Apesar de haver atribuído aos humanos às capacidades de serem políticos, não significa que essas capacidades são eternas. Essa instabilidade gerada diante da imposição de que todos os humanos possuem capacidades exclusivas para a política, pode também gerar exclusão. Bentham (1948)¹² discorre sobre a exclusão de humanos contra humanos, e quem é excluído não é mais considerado humano, sendo “rebaixado” para a característica de não-humano, inválido, ou animal (Dobson, 2008, p. 295). A princípio, não é para haver exclusão de nenhum ser, muito menos atribuir um sentido ruim para eles. Para Bentham, a política sempre foi definida pela sua relação com a natureza. Atentando para isso, Dobson (2008) vai concordar com Bentham e finalmente concluir que a natureza é central para essa questão sobre a exclusão dos seres. Pois:

Se as esferas da política e da natureza forem construídas juntas, e características fossem atribuídas para ambos, os “seres” conseguirão fazer um intercâmbio entre as esferas e serão atribuídas características apropriadas para todos (Dobson, 2008, p. 295, tradução livre da autora)¹³.

Conseqüentemente, diminuirão as brechas entre os dois mundos, e aumentará essa inter-relação entre os seres.

Latour (2004) é o autor que vai discorrer que essa união entre a esfera política com a esfera da natureza está criando uma terceira parte menos dividida. Este autor, vai abranger a crítica contra o antropocentrismo, que vai ser incrementada na teoria da política Verde, principalmente para a formação conceito do ecocentrismo pelos verdes.

¹² Bentham (1948) usa como exemplo a escravidão e o nazismo. Ele lembra que seres que não fossem considerados humanos eram determinados como inferiores, e que isso legitimava muitas ações. O que justificava as exclusões políticas eram essa aproximação do mundo não-humano e se afastar do mundo humano. A ideia de Dobson é que a natureza sirva como um equilibrador nesse quesito, para diminuir exclusões.

¹³ No original: So once the sphere of politics and the sphere of nature have been constructed, and characteristics have been assigned to each, ‘bodies’ can move across the boundary between the spheres by being assigned the appropriate characteristics.

O antropocentrismo diz que somente o homem tem moral, e o restante que não possui moral é inferior. Isso acaba inferiorizando a natureza e os animais, que não possuem essa capacidade de fala e de intelecto como os humanos. Quando na verdade, é preciso expandir o conceito de linguagem em ordem de reconhecer que a natureza fala (Dobson, 2008, p. 299). Retomando a necessidade de reconhecer a existência da natureza, e o valor que se dá à natureza por meio da contagem (de dados quantitativos, como exemplificado anteriormente). É dessa forma que a natureza se comunica, de acordo com Dobson (2008, p. 299), diferentemente da linguagem humana.

Por último, no trabalho de Dobson (2008), é citado Vogel (que acredita que o papel da natureza na política é somente de pauta para debate e discussões), para tratar sobre a capacidade do discurso e da linguagem pela natureza. Para Vogel (2006, p. 145 apud Dobson, 2008, p. 298):

A natureza parece muda, ela não se comunica, e com isso nós achamos que podemos agir conforme desejamos. Por que nós não ouvimos o que a natureza tem a dizer, nem mesmo que está dizendo algo. Nós tratamos as entidades naturais como coisas [...] Acreditamos que devemos ter responsabilidade moral somente com aqueles que têm voz para se ouvir - que seriam nós mesmos. [...] Visto que a natureza aparenta não possuir essa capacidade de fala, nós sentimos “justificados” em negar ter respeito por ela (Vogel, 2006, p. 145, tradução livre da autora)¹⁴.

Nas conclusões de Dobson (2008), ele questiona se Latour (2004) criou uma nova política, cujo fundamento seria “política é sobre falar”. E esse falar não seria exclusivamente no linguajar humano como dito anteriormente, teria que haver uma complementação do discurso com o elemento ouvir, sendo importante para este novo mundo mais coletivo e não dividido entre as partes do humano e não-humano.

O trabalho introdutório de Dobson (2008), apresenta elementos da teoria política Verde como a inter-relação entre os mundos, e a crítica contra o antropocentrismo. Esses dois elementos compõem o debate sobre o conceito do ecocentrismo, que é ocorrente nesta teoria.

¹⁴ No original: Nature appears to us as mute, with no inner life and nothing to communicate, and so we think we can do with it whatever we wish. Because we do not hear what nature has to say, nor even that it is saying anything at all, we treat natural entities as mere things rather than as other subjects with whom we share a common world. We believe we have moral duties only to those whose voices we do hear - which is to say, our fellow humans. Those who are able to speak deserve our respect as moral agents; since nature does not seem to speak, we feel justified in denying it such respect.

A teoria da política Verde defende uma mudança radical do relacionamento do ser humano com o meio ambiente em que se insere, se baseando no conceito do ecocentrismo de Eckersley (1992). Se tornando diferente do ambientalismo, por causa desse seu radicalismo.

A verde Eckersley (1992), pela interpretação de Murphy (1993), se destaca pela distinção de filosofias ecológicas que ela fez por meio da criação do conceito do ecocentrismo, que vai desde uma visão da natureza como um instrumento de bem-estar humano (o antropocentrismo), até a visão intrínseca do valor da natureza. Para Murphy (1993), o ecocentrismo é uma “ecologia profunda¹⁵”, havendo uma oposição dos verdes ao ambientalismo do movimento.

O ecocentrismo é uma abordagem do ambientalismo que não trata a natureza de forma instrumental para propósitos humanos (antes do surgimento da sustentabilidade), mas respeita o valor intrínseco dos ecossistemas. Para Eckersley (1992), os organismos se diferem em grau, não em tipo. Então, mesmo que sejam todos iguais mas existe uma diferença de grau, isso conduziria a uma relação de hierarquia. Murphy (1993) afirma que humanos fazem parte da natureza, podendo ser únicos, mas não superiores. Então ele vai contradizer o ecocentrismo de Eckersley (1992): “não é possível escapar do antropocentrismo na sociedade [...] pois o nosso conhecimento da natureza é inevitavelmente contaminado pelo nosso conhecimento de sociedade” (Murphy, 1993, p. 282)¹⁶. Tornando, a prática ecocêntrica uma prática utópica, pois “é impossível porque o nosso conhecimento de ordem natural já pressupõe uma ordem social humana” (Murphy, 1993, p.282)¹⁷. Concluindo o autor que o conceito do ecocentrismo não se sustenta e é supérfluo.

O autor Dryzek (1993) também vai analisar o ecocentrismo de Eckersley (1992), que se popularizou pelo movimento ambientalista. A interpretação dele de ecocentrismo é “a emancipação das pessoas e da natureza. Reconhecendo os interesses humanos pelo mundo natural, e os interesses da própria natureza; evitando, assim, uma misantropia” (Dryzek, 1993, p. 765)¹⁸ que é uma antipatia (dos humanos para humanos) encontrada na ecologia profunda. Ele então afirma que o ecocentrismo é um modelo de relação entre as pessoas e o meio

¹⁵ No original: *Deep ecology*.

¹⁶ No original: We cannot escape an anthropocentric perspective in the sense that we cannot ground our notions of a desirable social order. Why not? Because our knowledge of nature is inevitably contaminated by our knowledge of society.

¹⁷ No original: A truly ecocentric perspective, then, is impossible because our knowledge of natural order already presupposes human social order.

¹⁸ No original: Ecocentrism, for Eckersley, involves the emancipation of people *and* nature. Thus, it recognizes the diversity of human interests in the natural world, as well as the interests of nature itself, and so avoids the misanthropy found among.

ambiente natural, visando a diminuição da destruição, apelando pela preservação do natural. O autor, para concluir, vai puxar um pouco do pensamento de Habermas, e o que ele considera sobre os humanos em relação à natureza: “A única atitude frutífera humana em relação a natureza é de domínio e manipulação” (Dryzek, 1993, p. 765)¹⁹. Ele acredita que as mudanças de Eckersley (1992) são morais, e não políticas. Diferente da conclusão de Murphy (de que é impossível, insinuando ser utópico), o ecocentrismo dessa forma se torna uma necessidade de perspectiva, mas não para colocar em prática.

Esse modelo de relação entre as pessoas e o meio ambiente natural, visando a diminuição da destruição, é bem defendido pelo autor Paterson (2005) em seu texto sobre a teoria da política Verde. Em que a sociedade internacional possui um padrão de destruição do meio ambiente natural que deve ser interrompido, para não culminar em uma catástrofe ambiental.

Macdonald (2007) e Smith (2007) vão acrescentar ao movimento perspectivas interessantes que relembram o pensamento de Bentham, vão se aprofundar sobre a opressão e inferiorização de humanos com humanos. De acordo com Smith (2007), há um espaço na teoria política para estudos de americanos afro-descendentes sobre o ambientalismo, e eles frisam “a criação de agência criativa na relação dos humanos com a natureza” (Smith, 2007, p. 194 apud Macdonald, 2007, p. 812), e Macdonald (2007) complementa “e que isso seria no intuito dos humanos responderem à natureza em vez de dominá-la” (2007, p. 812)²⁰. Ambos autores Macdonald e Smith bebem muito do pensamento de Bentham (1948) já apresentado anteriormente, pois nesse quesito de exclusão de humanos com humanos, de dominação e opressão entre seres como acontece no colonialismo e no racismo, isso estaria sendo traduzido para a relação entre humanos e meio ambiente, evitando a dominação da natureza pelos humanos.

Smith (2007) acredita que o ecocentrismo pode excluir muitas vozes e perspectivas de relacionamento entre as pessoas e a natureza, principalmente da população negra. Visto que, para obter uma nuance do assunto é necessário uma conexão com o meio ambiente. E isso, para os afro-descendentes, requer primeiro lembrar da história de opressão racial, e como essas manifestações afetaram as suas experiências com o mundo não-humano. Smith (2007) vai contar a história da população negra na América do norte (Estados Unidos), em que o

¹⁹ No original: The only fruitful human attitude toward the natural world is one of mastery and manipulation.

²⁰ No original: Creative agency in human's relationship to nature, in which humans engage in wise stewardship and, in so doing, respond to, rather than dominate, nature.

movimento de abolição da escravatura, e da cidadania foram iniciativas brancas, que ensinaram à população negra maneiras de vida branca e isso incluía o exercício de manipulação do mundo natural para terem suas terras como forma da nova cidadania. Portanto, ela finaliza afirmando que o ecocentrismo não permite essa abertura para enxergar as maneiras singulares a respeito da questão ambiental e ecológica. Fazendo com que essas vozes não recebam o devido espaço para suas manifestações particulares até os dias de hoje. Por fim, para Macdonald (2007), a teoria da política ambiental está se tornando produtiva para repensar problemas vinculados à política, conceitos e tradições.

No Brasil, uma dupla de brasileiros fez uma publicação científica a respeito do debate em questão, sobre a política Verde. Como visto anteriormente, a posição da política Verde abrange sua crítica rejeitando o antropocentrismo para dar espaço à iniciativa sustentável. Se baseando na verde Eckersley (1992), os autores brasileiros colocam que:

Os humanos não estão livres para dominar o resto da natureza. Esta perspectiva reconhece a amplitude dos interesses humanos em todo o mundo não humano, oposto simplesmente ao uso instrumental, reducionista dos interesses econômicos dos recursos, ao mesmo tempo em que também perfilha os interesses da comunidade não humana (Mattiello; Brandalise, 2015, p. 9).

O ecocentrismo chega a ser uma realidade oposta à do antropocentrismo, ele vai presumir que todas as entidades são autônomas, os humanos, animais e a natureza, e vai designar que não há diferenças entre humanos e não-humanos. Pois não há entidades individuais, mas sim inter-relações entre esses seres, e isso inclui relações humanas com o mundo não-humano também (Burchill, 2005, p.238). Mesmo assim, dessa maneira haverá a permanência de uma hierarquia entre os seres.

A citação dos autores brasileiros induz que a sociedade humana facilmente se impõe ao máximo sobre questões ambientais e naturais do cotidiano, e os verdes acreditam que o motivo seja puramente desenvolvimentista. Esta relação humano-ambiental, para Paterson (2005), deve ser transformada de forma independente do ecocentrismo, evoluída para uma visão de respeito e preservação do ambiente natural remanescente. Para então, as sociedades comecem a se tornar mais sustentáveis e menos destrutivas.

Dobson (1990), sugere para os autores brasileiros que “O crescimento infinito (nos moldes do capitalismo existente) é impossível em um sistema finito (como no planeta Terra)” (Mattiello; Brandalise, 2015, p.10)²¹.

Analisando cinematograficamente o filme em questão, a respeito dos ataques à floresta em busca do minério que é finito, o próprio nome “*Unobtainium*” propõe uma referência linguística que este material a ser extraído de dentro da terra se esgotará. Tão logo, após a destruição da floresta em prol da extração, no filme *Avatar: The Way of Water* (2022) o diretor James Cameron apresenta uma nova extração em Pandora (o que chamam de “*amrita*”, é um resíduo encontrado em baleias). Isso demonstra que as formas de resoluções dos humanos tratado no filme não são sustentáveis, não são pensadas a longo prazo e muito menos preventivas quanto ao objetivo de resolver a crise no planeta Terra. Não obstante, essas resoluções também trazem consequências sem precedentes para os seres vivos de Pandora, que vai muito além de ser somente um ataque à floresta.

É perceptível a destruição como elemento repetitivo diante das ações humanas no filme: primeiro no planeta Terra, e depois na lua de Pandora. São ações que os humanos acreditam que servirão para a solução da crise na Terra, visando o retorno da humanidade e do crescimento no planeta natal. O crescimento populacional, econômico e sobretudo tecnológico. A destruição também é um elemento repetitivo na história da humanidade, por causa das degradações ambientais, da questão climática (o aquecimento global), e determinadas espécies entrando em extinção ao redor do globo atualmente.

A citação do pensador Dobson (1990), então, indica que as pessoas dentro da sociedade internacional naturalmente pendem para um crescimento desenfreado, por causa dessas repetições que são advindas do insustentável, que acabam levando à destruição de ambientes (sejam naturais, ou não).

Diante do exposto, os autores teóricos da política Verde, dentro do movimento, são considerados radicais pelos ambientalistas do movimento, possuindo propostas de mudança no sistema internacional quanto à maneira do ser humano de se relacionar com o meio ambiente dentro do sistema vigente, que por sua vez afirmam ser atividades destrutivas e substituíveis, em ordem de evitar uma catástrofe ambiental global que se aproxima.

²¹ Ou, para a interpretação de Paterson (BURCHILL, 2005): O crescimento exponencial é impossível em um sistema finito. No crescimento exponencial não é mencionado o sistema capitalista, e o sistema finito são os recursos naturais. É feita uma crítica especificamente contra o avanço tecnológico, e o significado bruto de crescimento no geral.

2.2 A QUESTÃO SOCIAL DO FILME AVATAR: O SOCIOAMBIENTAL

Junto ao debate em questão, dentro do movimento ambientalista é mencionado o crescimento desenfreado da sociedade. Este crescimento se refere ao crescimento populacional, econômico e tecnológico da sociedade. Esta perspectiva de pós-desenvolvimento leva muito em consideração a parte social da questão, pois é uma perspectiva ambientalista que se inspirou nas vertentes feministas como o ecofeminismo de Shiva (1988). Logo, além de se preocupar com o crescimento econômico, tecnológico e populacional, diante do meio ambiente, se preocupa também com as consequências ecológicas e sociais que estes crescimentos podem causar. Havendo isso em mente, há espaço para esta pesquisa se adentrar na questão socioambiental.

A essência deste subcapítulo é ter um olhar para as consequências que os crescimentos e avanços podem causar, assim como se deve ter um olhar para as consequências que um extrativismo, desmatamento/degradação ambiental ou intervenção territorial podem causar.

Para além das teorias e do movimento ambiental, é importante mencionar o princípio a seguir devido ao contexto do filme, de se tratar de uma comunidade nativa que vive na floresta de Pandora, que foi vítima ao sofrer as consequências do ataque catastrófico a esta floresta. Pois, mesmo que o objetivo dos humanos em Pandora seja extrair o minério da floresta, as consequências dessa extração vão recair sobre a comunidade nativa que reside nela.

Mesmo que no filme este povo seja de natureza extraterrestre e não são propriamente seres humanos, são seres vivos que vivem em comunidade, que se comunicam e possuem regras. Diferenciando-se de animais selvagens e se encaixando dentro da questão social do filme (e da teoria política debatida, com todas as capacidades que foram atribuídas tanto para os seres humanos quanto para os animais). Sendo assim, seres racionais do ponto de vista humano.

Portanto, diante da Carta do Atlântico (1941) surge o princípio da autodeterminação dos povos, que se resume ao dever do ser humano de respeitar às leis dos outros povos, principalmente se estiverem presentes no seu território (mesmo que seja de maneira não-intervencional). E o direito de qualquer ser racional de exercer sua autodeterminação. Evitando, assim, atitudes de opressão e atitudes colonialistas. Traduzido do inglês:

Deve-se respeitar os direitos de todas as pessoas de escolher a forma de governo sob qual querem viver; e desejam os direitos soberanos e de auto governança de volta àqueles que tiveram seus direitos privados de forma forçada (Carta do Atlântico, 1941, princípio terceiro, tradução nossa)²².

A Carta do Atlântico (1941) foi ratificada pelos dois líderes Winston Churchill e Franklin D. Roosevelt e assinada por 50 países dentro do contexto do fim da Segunda Guerra Mundial. O objetivo era criar uma organização internacional semelhante à antiga Liga das Nações, só que de forma aprimorada. Se tornando, então, o embrião da atual Organização das Nações Unidas. Esta Carta possui oito princípios, que são primordiais para as mudanças das relações internacionais no pós-Segunda Guerra Mundial.

É trazido este princípio para a obra cinematográfica em questão, pois ele é válido para todos os povos que possuem a capacidade de comunicação racional, trazendo o elemento racional. É visível durante o filme que os Na'vi e o próprio clã Omaticaya possuem essas capacidades²³ racional e de fala, seja com seu idioma nativo, como também no idioma inglês, que é o idioma do filme. O clã Omaticaya aprendeu a falar o idioma inglês como consequência da constante visita dos norte-americanos na floresta de Pandora. Na prática, o clã aprendeu o idioma estrangeiro de maneira impositiva e de forma implícita, para que servisse o plano de conversar com estes seres e negociar com eles. Esse suposto objetivo dos humanos não era mais que uma falácia. Pois, já estava sendo planejado um conflito, tendo em vista as máquinas de guerra que descarregaram na lua desde o início. Ou seja, a violação humana do direito da autodeterminação desses povos começa nesta atitude de dominação na lua de Pandora, iniciando um enfrentamento contra o clã. Demonstrando a indiferença e desrespeito pela outra cultura e pelo outro.

A cultura e mitologia do clã, “*Eywa, the Great Mother*”, é a chave para esta questão. Ela foi constantemente negligenciada pelos líderes do grupo de humanos, e o princípio da autodeterminação dos povos explicita o respeito por essas leis, para não haver essas opressões. *Eywa* é uma deusa, uma entidade que o clã acredita que garante todo o equilíbrio do seu ecossistema e da vida, designando somente 3 leis para seu povo. Com essas leis, a não extração do minério *Unobtainium* faz parte da terceira, pois *Eywa* tinha consciência de que isso destruiria o ecossistema da floresta, visto que a vida e a floresta crescem acima deste

²² No original: They respect the right of all peoples to choose the form of government under which they will live; and they wish to see sovereign rights and self government restored to those who have been forcibly deprived of them.

²³ Assim como também possuem as capacidades vistas no trabalho de Dobson (2008), vistos na nota de rodapé número 11.

minério. Os humanos não tinham grande conhecimento desta mitologia do clã, mas os bombardeios refletem na ignorância e no desrespeito quanto ao outro, que poderiam ter sido evitados. A opção mais paulatina tendo em vista os interesses humanos em Pandora, foi considerada por uma pequena parte do grupo do filme²⁴, incluindo o personagem protagonista. Mas não foi possível seguir até o fim, pois o líder norte-americano, junto com o coronel do exército, agiram e comandaram o seu grupo militar para seguir com o bombardeio.

As relações de poder são tidas como anti-ecológicas para a teoria Verde, pois legitimam o uso destrutivo de tudo que não é humano, isso engloba principalmente o ambiente natural. Porque ele é visto somente como um instrumento para uso da humanidade (Burchill, 2005, p.242). Assim como ainda é visto nos dias atuais como recurso natural para uso humano.

2.3 CONCLUSÕES

O movimento ambientalista internacional tem como uma das suas essências problematizar de maneira histórica as ações humanas a respeito das suas relações com o meio ambiente no geral, desde uma ação mínima local, até uma ação de grande dimensão internacional. O movimento se preocupa em popularizar a questão ambiental e sensibilizar a população cada vez mais para buscar uma possível mudança e transformação nas atitudes não sustentáveis ao redor do globo.

Sendo um movimento amplo com diversos tipos, os ambientalistas e os verdes são um dos seus tipos inseridos internacionalmente. O debate fomentado foi em torno da teoria política e sua relação com a questão ambiental e a natureza. Diante do debate exposto, o movimento e suas teorias conseguiram relacionar a natureza com a política, humanos e meio ambiente, trazendo outras questões e problemáticas sobre os seres vivos no geral. E se aprofundou com conceitos como o ecocentrismo, popularizado entre os autores, com alegações desse conceito ser demasiado utópico e impraticável. Gerando muitas perspectivas pessimistas quanto à relação do ser humano com a natureza. Fazendo com que, a continuidade da evolução do sustentável e na conscientização das pessoas (de forma ativista ou inserida nas políticas domésticas e internacionais) continue de forma desafiadora, e a única forma preventiva atual para os problemas ambientais ocorrentes.

²⁴ O grupo composto pelos personagens Jake Sully (Sam Worthington), Dra. Grace (Sigourney Weaver) e Norm Spellman (Joel Moore), se uniram durante o filme para aprender, de maneira antropológica, os hábitos, costumes, cultura e idioma do clã Omatiyaya. No clímax do filme, eles tentam explicar que essa extração seria um grande desrespeito e uma tragédia para o ambiente e para o clã. Mas foram ignorados pelos seus líderes.

É perceptível esse atrito de ideias entre os tipos do movimento, mesmo que ambos os lados sejam a favor do ecológico da sustentabilidade, mas com esse atrito acabam gerando um certo pessimismo de ambos os lados em relação à visão a respeito da natureza e do meio ambiente no geral. Cabe no texto inserir uma paráfrase de Suassuna: “O otimista é um tolo, o pessimista um chato. O bom mesmo é ser um realista esperançoso”²⁵. É conseguir agir contra o piloto automático, de destruição e de pessimismo, e no meio disso tudo agir de forma criativa a favor de uma mudança realista. Invés de desistir da luta, e perder a esperança da mudança.

Mesmo com o uso do princípio da autodeterminação dos povos neste cenário ficcional, a respeito do povo racional ali presente, não significaria que se não houvesse este povo ali presente (e conseqüentemente não haver o elemento do racional para o exercício do direito) os humanos pudessem usar os recursos da floresta de Pandora de forma desenfreada e abusadora. Para isso, tanto o movimento ambiental há de regular as atividades humanas em prol da não destruição em massa, quanto o princípio e direito para se cumprir em prol do respeito ao outro.

A história ficcional do filme *Avatar* (2009) é uma possibilidade de ser objeto de análise dentro da disciplina. Por isso, a seguir, no segundo capítulo desta pesquisa, será analisado e problematizado como a indústria cinematográfica, como os filmes, séries e documentários, podem ser utilizados para fazer abordagens acadêmicas, e como é possível fazer essas análises ficcionais dentro de conceitos reais das Relações Internacionais.

²⁵ Uma expressão popular proferida por Suassuna em uma entrevista no Canal Brasil, no ano de 2018.

3 AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA

Neste capítulo, será demonstrado o porquê de levar as Relações Internacionais para a indústria cinematográfica, a sua importância, por meio do seu histórico. Como essas obras cinematográficas são utilizadas historicamente como ferramenta para influenciar a política internacional, a sociedade internacional, e o espectador. E como agora as obras são utilizadas para influenciar questões subjetivas das Relações Internacionais, como questões sociais e sustentáveis do mundo atual. Para além disso, os autores vão demonstrar como os filmes podem possuir uma relação com as teorias das Relações Internacionais, fazendo com que esses filmes possam interpretar a realidade (internacional) daquele momento e período, repassar para as telas, e como o espectador possa compreender e/ou identificar-se com a temática do filme.

Serão relacionados historicamente a área do cinema com as Relações Internacionais, começando com as origens do cinema (especialmente do século XX), e os desdobramentos da indústria do cinema com o ambiente internacional (como a indústria de Hollywood), e por fim, o uso de certos filmes como exemplos para fazer correlação da indústria cinematográfica com a área das Relações Internacionais.

Tanto autores internacionais como brasileiros contribuíram para pesquisas da área de cinema de Relações Internacionais, como Engert e Spencer (2009) que tratam de filmes no ambiente acadêmico junto com as teorias de RI. A brasileira Braga (2013), que vai abordar sobre o cinema norte-americano por meio de Hollywood, e como se relacionavam com as sociedades. Serdouk (2021), que critica especificamente Hollywood e os Estados Unidos com a cultura de influências e estereótipos nos seus filmes, e Lakshmi (1986) relata sobre a atuação do feminismo nos filmes e maneiras de analisá-los. Os principais autores brasileiros da área, Zanella e Júnior (2015), são pioneiros do assunto no Brasil, eles vão afirmar a possibilidade de fazer análises acadêmicas em filmes.

3.1 POR QUE LEVAR AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS PARA A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA?

Por que levar às Relações Internacionais para a indústria cinematográfica? De acordo com Zanella e Júnior (2015), é possível usar a indústria cinematográfica, como os filmes e séries de TV (não somente os documentários), para fazer abordagens acadêmicas. O objetivo para tal método é usar o cinema como um incentivo para fazer análises de Relações

Internacionais e da política internacional (Podcast chutando a escada, 2017). Como o tema de interesse desta pesquisa é analisar o filme *Avatar* (2009) dentro da perspectiva das Relações Internacionais, é importante questionar o por que e como as Relações Internacionais se relacionam com a indústria cinematográfica e suas obras historicamente, para depois, analisar como isso será possível para obras ficcionais, como o filme em questão.

Para os autores Engert e Spencer (2009), as imagens têm se tornado importantes para as Relações Internacionais. Após o advento da TV, este instrumento foi ganhando poder, e o cinema foi se tornando uma forma de comunicação política e uma forma de arte/cultura popular (Engert; Spencer, 2009, p. 83). Para os autores, as pessoas geralmente tendem a lidar melhor com materiais visuais (Engert; Spencer, 2009, p. 85).

Existem quatro caminhos em que os filmes podem ser úteis para os estudos das Relações Internacionais em ordem de fazer análises acadêmicas: pelo caminho dos acontecimentos reais, das questões e problemáticas das RI, das culturas, e por meio das teorias das RI. Como exemplificado pelos autores: “O primeiro caminho foca em explicar certos eventos históricos, como a Guerra Fria, e o segundo caminho examina questões e problemas específicos das Relações Internacionais, como guerra, terrorismo e genocídio” (Engert; Spencer, 2009, p. 84)²⁶. O caminho cultural, na verdade, é a narrativa cultural. Todo produtor vai ter uma influência para fazer seu filme, seja de forma ideológica, nacional, étnica, de gênero ou classe social (Engert; Spencer, 2009, p. 91). É repassar para as telas realidades que não são muito contadas, para dar oportunidade tanto para a realidade, quanto para o espectador conhecer certas realidades. Se tornando filmes mais pessoais (e subjetivos) que os filmes sobre eventos históricos (Engert; Spencer, 2009, p. 91). E para o último caminho de analisar os filmes, alguns conseguem relacioná-los com as teorias das RI, em específico, para os dois autores, com a teoria realista, positivista, pós-positivista e pós-modernista. E para Lakshmi (1986), a teoria feminista também é possível de analisar certos filmes.

As narrativas dos filmes podem se dar tanto de forma objetiva, como acontece nos filmes sobre eventos históricos (que mais se aproximam de um documentário), ou de forma subjetiva, como nas questões, nas problemáticas, e culturais dos filmes.

Os eventos e acontecimentos históricos parecem mais “reais” e relevantes através das telas do que por escrito, como nos livros. Por isso, as pessoas tendem a lidar melhor com materiais visuais (Engert; Spencer, 2009, p. 84), isso tem relação com o entendimento do espectador ou dele identificar-se com as questões que os filmes possam mostrar. Lakshmi

²⁶ No original: The first approach focuses on the explanations of certain historical *events* such as the Cold War while the second approach examines specific *issues* of IR such as war, terrorism or genocide.

(1986) também vai afirmar sobre o objetivo dos filmes, os que são predominantemente feministas, de fazer com que questões possam ser individualmente identificadas pelos espectadores (Lakshmi, 1986, p.114). Assim como há a possibilidade do uso dos filmes de gênero ficção científica como metáforas tanto para eventos políticos, como para questões problemáticas das RI e teorias das RI (Engert; Spencer, 2009, p. 85). Tanto o filme *Avatar* (2009) e os filmes de *Blade Runner* (1982 e 2017) são exemplos de filmes de ficção científica, e são filmes que tratam de questões diferentes, o primeiro trata de questões ambientais e o segundo de investigação e de identidade²⁷. São filmes que têm uma subjetividade na sua história. Mas que podem servir de análises para as RI, de acordo com os autores.

Em contraste dos filmes de ficção científica, os filmes essencialmente políticos que são baseados em fatos reais, como *Oppenheimer* (2023)²⁸, é perceptível o uso dominante do realismo (a corrente teórica) em filmes sobre política internacional (mais do que em documentários), que costumam ser filmes predominantemente baseados em fatos reais (Engert; Spencer, 2009, p. 87). E mesmo assim, os filmes normalmente tendem a ser sobre morte, destruição, heroísmo, angústia física e psicológica. E existem os filmes que focam mais em temas excitantes como guerra, crises ou conflitos violentos do que qualquer outro assunto de Relações Internacionais, mesmo que importantes, como economia internacional, organizações internacionais etc. (Engert; Spencer, 2009, p. 87).

Entretanto, não pode-se esquecer da parte negativa dos filmes e do seu uso no ambiente acadêmico: “O resultado pode ser um filme sobre o enigma das relações internacionais em que as partes importantes são esquecidas ou seriamente não representadas” (Gregg, 1998, p. 9 apud Engert; Spencer, 2009, p. 87)²⁹. O exemplo perfeito deste caso para os autores é Hollywood: “[...] é preciso lembrar que a indústria cinematográfica está no ramo da indústria de entretenimento, e não no ramo de produzir documentação histórica” (Giglio, 2002, apud Engert; Spencer, 2009, p. 88)³⁰. Filmes são constantemente enviesados, sempre vão ter o objetivo de expressar um ponto de vista. Esse é o caso de Hollywood na sua Era de Ouro, e dos filmes europeus com viés eurocêntrico (Engert; Spencer, 2009, p. 88). E mesmo

²⁷ Um exemplo dado pelos autores Engert e Spencer (2009). Em *Blade Runner*, o mundo se passa em uma era futurística muito tecnológica, humanos vivem junto com andróides (que são robôs, inteligências artificiais). É tratado uma questão polêmica sobre o relacionamento entre os humanos e andróides, gerando conflitos e miséria nas sociedades. Filme de 1982 dirigido por Ridley Scott, e o filme de 2017 dirigido por Denis Villeneuve.

²⁸ O filme trata da criação da bomba atômica nos Estados Unidos, em corrida contra o Eixo (especificamente a Alemanha), e também retrata o dilema sobre o uso da bomba. Pegando um pouco do início da Guerra Fria, a respeito do anticomunismo norte-americano. Dirigido por Christopher Nolan.

²⁹ No original: The result is a picture of the puzzle of international relations from which important pieces are missing or seriously underrepresented.

³⁰ No original: [...] Need to be reminded that the movie industry is in the entertainment business and not in the business of manufacturing historical documents.

assim, filmes enviesados podem ser úteis para formar a crítica do espectador, este é o subjetivismo de Lee (1990): “As vezes, até mesmo defeitos podem se tornar recursos positivos para educar” (Engert; Spencer, 2009, p. 88)³¹. Dessa forma, os autores vão concluir que: “demonstrar imprecisões e vieses dos filmes se tornam importante para as Relações Internacionais, pois abrem perspectivas e críticas, levando a examinar as estruturas de poder, e a política internacional diante dos filmes e por meio deles” (Engert; Spencer, 2009, p. 88)³². Assim como podem servir como ferramenta de *soft power*, que será visto ao longo do capítulo.

Antes de seguir para análises históricas dos filmes no cenário internacional, para fins de contextualização, o cinema surgiu no ano de 1895, com imagens em movimento e reproduzidas somente em preto e branco, sem a reprodução de som e falas (Thebas, S/A).

Com o início do cinema narrativo no século XX, este se tornou a verdadeira origem do cinema, valendo mencionar duas obras de Charlie Chaplin que se destacaram internacionalmente, fazendo parte dessas origens: Tempos Modernos (1936) e O Grande Ditador (1940). Mesmo que fossem voltados para a comédia, Chaplin não deixou de retratar temas importantes de forma satírica em suas obras. Como por exemplo, em Tempos Modernos (1936) foi retratado a relação da industrialização e a alienação do trabalhador. O Grande Ditador (1940) foi sua primeira obra falada, no auge da Segunda Guerra Mundial. Mesmo sendo uma sátira, o discurso final de Chaplin nesta obra era um posicionamento contra o nazismo de Hitler e o fascismo de Mussolini. Ou seja, ele utilizou de suas obras para que seu posicionamento alcançasse o espectador.

Avançando para a década de 1950, este período foi o auge da indústria cinematográfica, em especial a norte-americana, que produzia filmes em massa e transformava arte em indústria (Kreutz, 2019). Com o avanço da mídia, dos filmes e séries de TV, esses casualmente se tornaram em uma ferramenta política, de propaganda e um instrumento de *soft power*. Em poucas palavras, o *soft power* é um tipo de exercício de poder que o Estado pode exercer para atrair a atenção dos outros Estados e da comunidade internacional (Nye, 2004). Diferente do poder armado, esse exercício abrange o poder da influência, da persuasão, e da atração, sem utilizar o poder da força ou coerção, como é utilizado no *hard power* (Ikenberry; Nye, 2004). Assim, os filmes vão começar a possuir um papel importante para a política internacional.

³¹ No original: In some cases, even defects can become positive resources for teaching.

³² No original: Therefore, highlighting certain ‘inaccuracies’ or biases can lead students to critically question the issue raised in the film and examine the fundamental and often implicit power structures of the movie as well as those in international politics.

3.2 A ATUAÇÃO DOS FILMES NA POLÍTICA INTERNACIONAL

Ao falar de cinema, é inegável falar sobre a indústria de Hollywood. De início, antes de se tornar a indústria mais célebre do mundo e símbolo da cultura do cinema, ela vai crescer a partir do ano de 1910 e entre os anos 1920 e 1950 foi o seu auge, chamado de Era de Ouro. Hollywood é uma máquina de produção de filmes, que nessa época já controlava o mercado internacional do cinema, por se tornar uma indústria da arte (Kreutz, 2019). A cultura do cinema no mundo está mais relacionada à Hollywood do que às outras empresas cinematográficas existentes (Serdouk, 2021, p.28).

Esse sucesso hegemônico do cinema norte-americano se dá por causa da própria cultura e mídia dos Estados Unidos, de se projetar no internacional como uma hegemonia. Os filmes de Hollywood são os filmes que mais se reproduzem nos cinemas do mundo do que outros filmes (Serdouk, 2021, p.28). Apesar de que, existem outras indústrias cinematográficas que produzem mais filmes que Hollywood, são eles: Bollywood (o cinema indiano) e Nollywood (o cinema nigeriano). Mas que não ganham o mesmo tempo de tela no internacional como os filmes de Hollywood, desde a sua origem (Caleiro, 2014).

Na perspectiva das Relações Internacionais, essa Era do Ouro inicia com filmes que divulgam o “*American Way of Life*”. Isto é, sua divulgação acontecia tanto durante a sua produção quanto no assistir de seus espectadores (Marques, S/A) a experiência era completa. Os filmes produzidos possuíam um padrão de paisagem, que era um padrão urbano representando o sonho americano, relacionado ao espaço, lugar, vida, prazer e divertimento (Braga, 2013). Se referindo ao *American Way of Life*. E a própria produção em larga escala de filmes, que inicialmente pretendiam o lucro, se encaixa nesse formato de vida consumista estadunidense entre os anos 1918 e 1939.

Contudo, posteriormente, os filmes passaram a possuir um papel mais político internacional para os Estados Unidos, entrando no exercício de *soft power* de Nye (2004). O primeiro exemplo é o gênero *noir* dos filmes entre 1940 e 1950, que muitas vezes, estavam relacionados à ideologia anti-comunista (Braga, 2013), já dando início ao período da Guerra Fria. A partir deste momento na pesquisa, serão apresentados exemplos de produções e filmes hollywoodianos que tinham a intenção de influenciar o espectador de maneira ideológica.

Um exemplo de filme popular baseado em fatos reais, dado pelos autores Engert e Spencer (2009), foi o filme *13 Dias Que Abalaram o Mundo*³³ (2000). Este filme foi feito unicamente com a narrativa norte-americana sobre a Crise dos Mísseis de Cuba (1962), durante a Guerra Fria. Ou seja, não é abordado o lado soviético em nenhum momento. Mas, ao mesmo tempo, mostra a prática da dissuasão no internacional de forma crua (Engert; Spencer, 2009, p. 89).

Em 1940, por meio das animações, a *Walt Disney Company* teve sua grande participação no cinema internacional, criando os personagens Zé Carioca e Carmen Miranda em homenagem ao Brasil, como parte da política externa Boa Vizinhança do presidente Roosevelt (Marques, S/A). Essa política externa, iniciada em 1933 que continuou até o fim da Segunda Guerra, foram ações diplomáticas do governo norte-americano para com os países da América Latina, com objetivo de estreitar laços com seus países vizinhos (e garantir uma hegemonia no continente). Portanto, o cinema estadunidense também aderiu a esta política, fazendo com que a *Walt Disney Company* criasse esses personagens. Sendo aceito durante essa época, tanto pelos EUA como pelos países latino americanos, se tornando um sucesso para a política estadunidense (Moraes, 2015).

Dessa forma, a *Disney* também criou estereótipos sobre o Brasil, seu povo, cultura e costumes. É possível concluir que a indústria de Hollywood foi muito mais que filmes *blockbusters*³⁴ e filmes de terror, foi também uma ferramenta para a política internacional dos Estados Unidos, por meio do *soft power*.

Diante do século XXI, Hollywood permaneceu nesta mentalidade de influenciar seus espectadores, agora abordando sobre terrorismo em suas produções. O cinema norte-americano frequentemente relaciona o conceito de terrorismo unicamente com a população árabe e muçulmana, generalizando-os como radicais (Serdouk, 2021, p. 26), após o ataque 11 de Setembro de 2001. Várias produções hollywoodianas tratam de forma distorcida a respeito do Oriente Médio e da população muçulmana. São produções preconceituosas que propagam estereótipos. Algumas das produções citadas no trabalho de Serdouk (2021) são comédias que diminuem e ridicularizam os muçulmanos, e outras que interligam a religião com violência e atos terroristas. Um dos exemplos mencionados foi o filme *Homem de Ferro*

³³ Este filme, dirigido por Roger Donaldson, retrata o período da Crise dos Mísseis de Cuba unicamente na ótica dos Estados Unidos, até o momento do assassinato do presidente J. F. Kennedy. Não é mostrado o que está ocorrendo do outro lado, como o dos soviéticos, nem o de Cuba.

³⁴ Tradução livre: Sucesso de bilheteria. São filmes com grande proporção de ação, que tendem sempre a ter um herói na narrativa.

(2008) da Marvel, que é considerado um filme *blockbuster* de herói, mas que o protagonista é sequestrado por um grupo islâmico e depois busca por uma vingança (Serdouk, 2021, p. 27).

Enquanto isso, o governo norte-americano apoiava de perto a indústria de Hollywood e suas produções referente a este tema, apoiando todos os estereótipos produzidos (Serdouk, 2021, p. 27). Não obstante, o governo norte-americano, junto com a CIA, se uniram a Hollywood para propagar o ódio contra esses povos, a cultura dos estereótipos, e assim formar “estratégias anti-terroristas” no pós 11 de Setembro, chamado Guerra contra o Terror (Serdouk, 2021, p. 35).

Ao afirmar anteriormente que a indústria cinematográfica evoluiu o suficiente para tornar os filmes uma ferramenta de *soft power*, é importante citar exemplos práticos desses filmes ou séries ao decorrer do tempo na sociedade internacional, e analisar dentro da perspectiva das Relações Internacionais. O próximo subcapítulo é uma continuação deste, mas sem o foco em Hollywood e seu papel político nos Estados Unidos.

3.3 A ATUAÇÃO DOS FILMES NA SOCIEDADE INTERNACIONAL

Um exemplo perceptível do *soft power* nesta área de filmes, fora dos Estados Unidos e do ocidente como aborda Nye (2004), é o atual alcance e adoração das novelas sul-coreanas (os “*doramas*”³⁵), atraindo o interesse da sociedade global pela cultura sul-coreana, e consequentemente atraindo também a atenção do ambiente internacional para o país. Fazendo parte da cultura popular de Engert e Spencer (2009). Cujo autores definem como: “é o produto e a causa da política internacional” (Engert; Spencer, 2009, p. 91)³⁶.

Em contrapartida ao cinema norte-americano, os soviéticos também fizeram sua contribuição para o cinema (entre os anos 1917 até 1950) enquanto Hollywood já controlava o internacional. Também sendo utilizado como ferramenta política, os soviéticos tinham como objetivo chegar à classe trabalhadora. O conceito chamado de *Kino-glaz*³⁷ criado pelo cineasta renomado Dziga Vertov³⁸, “buscava dismantelar as noções burguesas de criação artística. O trabalho, o movimento e o cotidiano dos cidadãos comuns da URSS compunham o repertório desses cineastas” (Kreutz, 2018). O estilo e a técnica empregados nas filmagens eram

³⁵ Do inglês, *drama*. Sendo um gênero para filmes e séries de TV. A palavra *dorama* vem da forma como os sul-coreanos pronunciam do inglês.

³⁶ No original: Popular culture is the product and the cause of international politics.

³⁷ Tradução livre: Cine-olho, olho de filme.

³⁸ O cineasta soviético proferiu a seguinte frase a respeito do seu conceito cinematográfico: Eu sou um olho. Eu sou um olho mecânico. Eu, uma máquina, estou mostrando a você um mundo que apenas eu posso ver. Por isso, diferente das produções norte-americanas.

diferentes das norte-americanas, e os filmes eram muito usados em ambientes acadêmicos como ferramenta de estudo a respeito do próprio país (Kreutz, 2018).

Outro exemplo atual e reconhecido da TV é a série *The Crown* (2016-atual) da Netflix. A série conta a história da Rainha Elizabeth II do Reino Unido desde antes do início do seu reinado (1940), até a recente temporada que conta a história de Diana Spencer. A série já está renovada para a sexta e última temporada, abordando os últimos anos de vida da Rainha. Tendo isso em mente, essa série de TV de gênero drama fictício se torna também uma crônica da vida da Rainha, se baseando em eventos históricos da família real, da política e dos fatos mais íntimos da sua vida que moldaram o seu reinado. “É como se fosse uma novela, em que seus episódios são como um semidocumentário” (BBC, Coughlan; Rosley, 2022).

Para isso, a Netflix se pronunciou que a dramatização da monarquia da família real é “analisada e bem documentada por jornalistas, biógrafos e historiadores” (BBC, Coughlan; Rosley, 2022). O intuito da série é mostrar o mais real possível sobre o que acontece atrás dos muros e das portas dos castelos da monarquia britânica, entretanto, apelando para o emocional da família real e da Rainha. E isso influencia, de fato, a imagem da Rainha e da monarquia britânica para seus espectadores.

Dito isso, essa série de TV entra no tema em questão, pois com a popularização dela, a sua influência pode alterar a imagem da monarquia britânica em si para os espectadores e para sua população (BBC, Coughlan; Rosley, 2022). A pesquisa da BBC News Brasil diz que a maioria dos espectadores internacionais têm entre 18 e 24 anos, que não viveram muito a história da monarquia que se passa na série, e portanto, esses jovens “estão mais dispostos a acreditar que a série *The Crown* é precisa” (BBC, Coughlan; Rosley, 2022). Entretanto, mesmo com toda a tentativa da série de apelar à emoção para a família real, apenas 30% desses jovens afirmam que a monarquia é boa para para a Grã-Bretanha. Mas a cada geração anterior, mais aprovam a monarquia. Isso é fruto da não popularidade da monarquia entre os jovens nos dias de hoje. O que mais comove a série entre os jovens hoje, é a história da princesa Diana, ou da Diana Spencer, que se tornou em um ícone mundial após a sua morte (BBC, Coughlan; Rosley, 2022).

O filme *A Rainha* (2006), roteiro produzido pelo mesmo criador da série *The Crown* (2016-atual), também é referência quando se trata de influenciar espectadores sobre a monarquia britânica. Diz a BBC “com uma mistura de minimização dos fatos e fortes sentimentos, *A Rainha* mostrou como Elizabeth II precisou ajustar-se aos novos tempos para humanizar a família Real Britânica”. Sendo assim, beneficiando a imagem da Rainha e do seu reinado para o público.

Esses dois exemplos de obras comprovam o argumento de Engert e Spencer (2009), sobre filmes/obras baseados em fatos reais serem mais populares que os documentários, sendo considerados pelo espectador como “uma narrativa correta” (Engert; Spencer, 2009, p. 89). Isso acontece em *The Crown* (2016-atual) e *A Rainha* (2006) a respeito da monarquia britânica, de acordo com a pesquisa da BBC. Também entrando no conceito da cultura popular. Os autores Engert e Spencer (2009), especificam abaixo sobre a cultura popular:

A cultura popular (neste caso, os filmes) podem de fato se tornar ferramentas valiosas para estudantes e pesquisadores para entenderem o papel da narrativa política na política internacional, e as mudanças na cultura política (Engert; Spencer, 2009, p. 93, tradução livre da autora)³⁹.

A autora brasileira Zanella (2015) diz que há narrativas no cinema que abrangem suas discussões, que não servem exatamente para influenciar seus espectadores, mas podem abrir um espaço para o mundo acadêmico: “Por meio dos filmes podem ser percebidos grandes eventos da política internacional, podendo ser possível usar o cinema enquanto narrativas sobre o mundo, de construção de verdades sobre o mundo, de construção do que é aceitável ou não dos comportamentos políticos” (Podcast chutando a escada, 2017). Da mesma forma como os espectadores possuem suas opiniões críticas sobre os filmes.

É perceptível que alguns filmes preferem tratar sobre questões de poder e política internacional. Essas seriam questões clássicas e de praxe para tratar com a perspectiva das teorias das Relações Internacionais. Mas nesta pesquisa, o filme escolhido preferiu abordar questões ambientalistas para o espectador. Portanto, o cinema já se mostra capaz de abrir espaço para as lentes das Relações Internacionais conseguirem relacionar os filmes com discussões e análises acadêmicas.

Zanella explicita como usar o cinema para análises das Relações Internacionais:

Os filmes podem ser usados para retratar um evento, seja em um espaço e tempo diferente da realidade. Serve para retratar uma questão em específica, para examinar narrativas culturais e por fim serve para explicar e/ou criticar as teorias das relações internacionais (Podcast chutando a escada, 2017).

³⁹ No original: Popular culture (here movies) can indeed be a valuable tool for students and researchers for understanding the role of political narratives in international politics and changes in *political* cultures.

A respeito da teoria das Relações Internacionais, além da política internacional, foi crescendo um certo protagonismo do feminismo na indústria cinematográfica. A autora feminista Lakshmi (1986), acredita que o feminismo se tornou um tema popular para o cinema ainda nos anos 1980, em que tratar sobre questões sociais e econômicas da mulher, e a mulher em si, se tornaram temas a ser abordados em filmes e produções (Lakshmi, 1986, p. 113).

Para tratarmos de exemplos de filmes sobre mulheres e feminismo, a autora inglesa do século XIX, Jane Austen, se destaca com suas obras atemporais de romance e protagonismo feminino. A autora escreve de forma implícita suas críticas sociais contra dogmas e costumes da classe alta inglesa, de certa forma, desconstruindo essa cultura em suas obras. Houve várias adaptações de seus livros, sendo o filme *Orgulho e Preconceito* (2005) o mais popular dentre eles⁴⁰.

Além de Jane Austen, também no século XIX, a autora norte-americana Louisa May Alcott, possuindo a mesma ótica sobre a mulher, escreve o livro *Mulherzinhas*, ganhando uma adaptação para as telas em 2019, intitulada “*Adoráveis Mulheres*” (dentre várias outras produções anteriores). O filme conta a história e as dificuldades de quatro irmãs, com personalidades e vidas únicas, e que a autora dá a elas vozes ativas que na época não eram consideradas pela sociedade, mas que ainda são identificadas pelas mulheres no decorrer dos tempos, sendo possível de ser identificado pelo movimento feminista também. Se tornando, então, uma obra atemporal.

Outras produções do tema como *Estrelas Além do Tempo* (2016), também tratam de questões de gênero e questões raciais, como o protagonismo feminino. O filme, baseado em fatos reais, se passa durante o período da corrida espacial entre os Estados Unidos e a União Soviética, e mostra o dia a dia de um grupo de mulheres negras que trabalham na NASA, mostrando as dificuldades com a segregação racial e o preconceito contra as mulheres no ambiente de trabalho. Durante a história, essas mulheres lideram a operação tecnológica levando o país para a vitória, surpreendendo a equipe de homens brancos da NASA com as mentes brilhantes delas. Isso demonstra o preconceito contra a capacidade feminina no ambiente tecnológico, e o preconceito racial estruturado inclusive no ambiente de trabalho.

Dessa forma, de acordo com os exemplos expostos, é perceptível diferentes objetivos entre filmes com temática feminista e os filmes com temática de política internacional, como

⁴⁰ O filme *Orgulho e Preconceito* de 2005 é o que possui maior nota no site crítico de cinema *Rotten Tomatoes*, dentre as outras adaptações do livro. Votado tanto pelos críticos quanto pelos espectadores. A minissérie de TV *Orgulho e Preconceito* (1995), produzida pela BBC, também se popularizou entre os espectadores por ser considerada mais fiel ao livro da autora.

previamente exemplificados (especificamente os de Hollywood). Filmes com temática feminista possuem narrativas menos influenciadoras e mais representativas, possuindo o objetivo de identificação do espectador (Lakshmi, 1986, p.114).

De certa forma, os filmes podem servir de auxílio nas compreensões dos conceitos acadêmicos, para então, se aprofundarem no estudo desses conceitos. Assim como os autores Engert e Spencer (2009) falam sobre a relação das teorias de RI com as obras cinematográficas. De forma direta, conforme os autores brasileiros:

Como veículos que são, os filmes podem carregar os mais diversos conjuntos de valores e visões de mundo, e é só quando acompanhados da crítica qualificada, que se dispõe a tomá-los como fonte primária, cotejando-os com o momento histórico em que foram produzidos e avaliando por quem foram produzidos e para quem foram direcionados [...] (Zanella; Júnior, 2015, p.10).

Ainda sobre a citação de Zanella (2017) na página 34, a respeito de obras com um tempo e espaço diferentes da realidade, o gênero do filme em questão *Avatar* (2009) é de ficção científica, estando completamente fora da realidade da Terra atual. Mas se encaixando no argumento de Zanella (2015) sobre a possibilidade de se analisar obras ficcionais em ambientes acadêmicos, assim como para Engert e Spencer (2009), que também afirmaram anteriormente a possibilidade da utilização da ficção para discorrer análises acadêmicas por meio das RI.

3.4 CONCLUSÕES

Além dos próprios exemplos de filmes dos autores trazidos para este trabalho, todos os outros exemplos citados, foi possível trazer o curso de Relações Internacionais para o cinema. Mesmo sendo de narrativas, gêneros e épocas diferentes, foi possível trazer reflexões desde o início do cinema até o século atual.

O século XX traz o início da indústria cinematográfica com uma gama de obras a respeito da política internacional, com muitos exemplos de filmes de Hollywood, e como esses filmes essencialmente influenciam o espectador, abusando da ferramenta do *soft power*, para influenciar a ideologia de seus espectadores. A *Walt Disney Company*, criando personagens em homenagem aos países latino americanos para as telas, como forma de política externa dos Estados Unidos. Mas que tornam-se obras que estereotipam o povo e a cultura latina americana, assim como fizeram com a população muçulmana e árabe em obras

sobre terrorismo. E então surge a contemporaneidade, o século XXI com as séries de TV históricas como *The Crown* (2016-atual) quase como um documentário da Rainha Elizabeth II, se tornando popular entre o público jovem, que vai ter um impacto na política internacional por causa dessa popularidade. *Adoráveis Mulheres* (2019) sobre a questão da mulher, mesmo que seja um filme de época, ainda pode ser muito representativo para a causa feminista atualmente. E por último, o filme de ficção científica *Avatar* (2009) abordando questões ambientais.

Em *Avatar* (2009), a obra escolhida para esta pesquisa, o povo ficcional Na'vi e seus costumes são mostrados com muito cuidado e delicadeza por Cameron, com muito respeito às suas leis e com uma narrativa minimamente (praticamente nula) etnocentrista. Quando ocorre algum conflito, alguma violação do respeito ao próximo e às suas leis durante a história, são mostradas as devidas consequências que resultam na brutalidade do ocorrido. Possuindo um viés ambientalista, Cameron tem o objetivo de passar para as telas e para seus espectadores uma influência mais sustentável. Tendo o momento atual de problemas e desafios com o desenvolvimento sustentável, traz a necessidade de mais uma vez abordar sobre este tema.

Dito isso, para o próximo capítulo, será detalhado a técnica desses autores para a análise de filmes e obras cinematográficas, mostrando exemplos práticos que servirão de embasamento para o estudo de caso do filme *Avatar* (2009), que será feito a seguir, e servindo também para as informações que foram deliberadas durante este segundo capítulo.

4 O ESTUDO DE CASO: FILME AVATAR

Como visto no capítulo anterior, a autora Lakshmi (1986) e os autores Engert e Spencer (2009) viram que é possível relacionar filmes com as Relações Internacionais, até mesmo com as teorias de RI, expondo exemplos de alguns filmes para relacionar com a área, e com algumas correntes teóricas. Para este capítulo, será mostrado qual a forma que esses autores fizeram suas análises cinematográficas, detalhando a técnica de análise dos filmes, para correlacionar com tudo que foi dito no capítulo anterior.

Expondo os detalhes dessas técnicas dos autores, será possível realizar o estudo de caso desta pesquisa, trazendo estes conhecimentos e técnicas para a análise do filme *Avatar* (2009) dirigido por James Cameron, para dentro do curso, levando à conclusão deste trabalho.

Para a metodologia do trabalho, a pesquisa em questão é um estudo de caso que tem propósito exploratório, aplicando o método qualitativo bibliográfico. Por causa deste método qualitativo, o foco da pesquisa pende para interpretações de aspectos imateriais, como opiniões, intenções, sentimentos e comportamentos. Sendo assim, a abordagem qualitativa possibilita abranger as análises da pesquisa somente para poucos objetos de estudo, aprofundando-se nesta investigação única e no problema a ser debatido. Portanto, este estudo de caso empregando o método qualitativo permite esta análise intensiva do filme.

Para tornar esse estudo de caso possível, a técnica utilizada é a de análise cinematográfica do filme *Avatar* (2009), aplicando também a técnica de análise semiótica de Lakshmi (1986). Ademais, para proporcionar as análises desta pesquisa, são coletados dados secundários, baseando-se primordialmente nos filmes da saga *Avatar*.

4.1 A TÉCNICA DE ANÁLISE CINEMATOGRÁFICA: ANÁLISE SEMIÓTICA

Lakshmi (1986), em seu trabalho, aborda sobre filmes com temática feminista ou sobre mulheres. Ela afirma que esse tema, desde sua época, já estava ficando pertinente para o cinema, de forma que os espectadores possam reconhecer, se identificar ou conhecer certas realidades. Neste trabalho, ela fez análises de certos filmes desta temática que estão dentro do cinema realista (sendo gênero não-ficção), afirmando que é possível perceber influências machistas em filmes no geral, e que isso é devido ao olhar que o homem tem sobre a mulher. Dessa forma, ela fala de três formas sobre como os filmes podem enxergar a realidade:

1. Por meio do texto do filme, o roteiro produzido;
2. Com o olhar que o espectador vai ter e vai se identificar;

3. Com o olhar original da câmera, que é o verdadeiro ato de filmar;

Dessa forma, as discussões vão se abrir e se formam de acordo com o tema do filme, não somente com os filmes feministas, que são os objetos de estudo da autora. E abrindo as discussões, Lakshmi (1986) diz que além dessas três formas, existem duas formas de analisar um filme: A forma sociológica e a semiótica (Lakshmi, 1986, p. 113).

A primeira forma, a sociológica, é uma análise que se dá conforme os papéis que existem no filme (os “*role-types*”), como por exemplo, se a história é sobre uma dona de casa, um amado(a), vampiro(a) etc. A análise sociológica é centrada nesses papéis (Lakshmi, 1986, p. 113).

Para a segunda forma de análise, a semiótica, a autora vai se aprofundar mais. A análise semiótica vai enxergar o filme por completo, utilizando a linguagem de signos, que é considerado o tema do filme. Além de como os filmes enxergam, é sobre como se comunicam. Sobre os signos, a autora afirma: “Todo signo tem um sentido denotativo que significa algo direto, e um sentido conotativo, que é uma sugestão ou uma associação ligada a valores existentes na sociedade” (Lakshmi, 1986, p. 113)⁴¹. O sentido denotativo é a imagem que está sendo vista, a cena em si. Já o sentido conotativo é algo que está mais mascarado na cena. É o que a cena vai significar para o espectador e para a sociedade, de acordo com os seus valores. Um exemplo simples que a autora dá é sobre a cor vermelha, para o sentido denotativo pode ser somente uma cor, mas no sentido conotativo pode significar revolução, de acordo com mitos que a sociedade cria (Lakshmi, 1986, p.113).

Como a pesquisa de Lakshmi (1986) é sobre filmes com temática feminista, com uma análise feminista, a própria mulher é o signo do filme. Para compreender os signos e seus sentidos denotativos e conotativos, o exemplo de cena que ela descreve é uma mulher que está lendo Sartre e está fumando. O sentido denotativo é o que foi exposto: mulher que está lendo Sartre e está fumando. E o sentido conotativo vai insinuar que esta mulher é audaciosa, intelectual e que não segue os valores normais da sociedade que conhecemos (Lakshmi, 1986, p. 113). Isso é o que vai dar importância ao filme para o espectador, é como os valores do espectador vão interpretar a cena, e o que vai significar para ele e para a sociedade: “Conotação são esses signos, surgidos de mitos sobre a mulher que existe na sociedade e mitos que existem sobre certos conceitos” (Lakshmi, 1986, p. 113)⁴². As feministas começam a fazer essas análises semióticas de filmes, e suas explicações vão ser em torno de como as

⁴¹ No original: Every sign has a denotative meaning which is direct and a connotative one which is a suggestive or associated one linked with the existing values in a society.

⁴² No original: The connotation in these signs, arise from myths about women that exist in the society and myths that exist about certain concepts.

mulheres são tratadas de forma superficial nos filmes, somente de forma denotativa (Lakshmi, 1986, p. 113).

Para a análise semiótica, de acordo com Lakshmi (1986), o sentido conotativo dá ao filme um maior entendimento para o espectador, possibilitando que se identifique, que conheça ou que amplie o senso crítico do espectador.

Para os filmes realistas (que a autora vai chamar de escola do cinema realista), os seus produtores acreditam que cinema é unicamente para retratar a realidade como é, ou como se fosse. E que se baseiam na narração e no conceito de identificação, fazendo com que os espectadores sintam que a realidade esteja se desdobrando, revelando-se nas telas na frente deles. Entretanto, para a autora, “as obras de arte capturam conceitos que a natureza mantém oculto” (Lakshmi, 1986, p. 114)⁴³. Se tornando diferente do que os filmes realistas idealizam, que é contar e mostrar “verdades”.

O que foi dito pelos autores Engert e Spencer (2009) no capítulo anterior, vão se relacionar com o que Lakshmi (1986) diz. Como por exemplo: Que o produtor do filme pode influenciar seu filme com seu ponto de vista individual. E que isso pode deixar o filme mais subjetivo do que objetivo, ao mesmo tempo que pode ampliar o senso crítico do espectador, invés de somente influenciá-lo (Engert; Spencer, 2009).

Além disso, as formas de Engert e Spencer (2009) de analisar um filme dentro das RI foi diferente de Lakshmi (1986), foi por meio das teorias de RI⁴⁴. Por exemplo, o estudo de caso de Engert e Spencer (2009) foi analisar o filme *Pulp-Fiction* (1994) de Tarantino por meio dos elementos da teoria pós-modernista. Este filme é estruturado de forma que possui 3 partes para fazer a história, e na verdade, não é uma história linear. As cenas finais do filme se conectam com as cenas iniciais do filme, fazendo com que o espectador tire suas próprias conclusões, e não necessariamente, existir uma história correta que o diretor queira repassar para que os espectadores captem. É sobre a linguagem do filme, do espectador terminar o filme e formar alguma conclusão/narrativa sobre o que assistiu. Por isso, para Engert e Spencer (2009), tem muita relação com a teoria pós-modernista (ou pós-estruturalista), quando há liberdade para que o espectador crie a narrativa com suas próprias visões individuais sobre o que assistiu (Engert; Spencer, 2009, p. 94).

⁴³ No original: The work of art is to capture the concepts [that] nature keeps hidden.

⁴⁴ Na verdade, a autora Lakshmi (1986) usa muito a corrente feminista para abordar suas análises.

4.2 ESTUDO DE CASO: O FILME AVATAR

Na introdução deste trabalho é feita uma breve sinopse do filme, que se trata de uma história fictícia e futurista em que um grupo de humanos habitam um ambiente extraterrestre nada urbano, chamado de Pandora, e que seu objetivo ali é a extração do minério *Unobtainium*. Eles acreditam que este minério pode ajudar a melhorar a situação devastada no planeta Terra. Portanto, a atuação dos humanos em Pandora é estritamente econômica e tecnológica para alcançar este objetivo final.

Entretanto, ao chegarem na floresta de Pandora, se deparam com seres extraterrestres que ali vivem em comunidade, possuindo costumes e se comunicando com seu próprio idioma nativo. Os Na'vi, especialmente o clã Omatiyaya, vão ser vítimas desta história ao sofrer todas as consequências da habitação (ou, intervenção) dos humanos na floresta de Pandora. Como dito anteriormente, a extração do minério acarreta na destruição do ecossistema da floresta, e isso se tornaria em uma imensa catástrofe para o clã, como se tornou de fato.

Neste diálogo abaixo, em uma cena do filme, os líderes⁴⁵ do grupo de humanos conversam em Pandora com o protagonista (Jake Sully) sobre como podem negociar o minério encontrado na floresta de Pandora com o clã:

Parker: Sully, descubra o que os macacos azuis querem. Sabe, quero dizer, a gente tentou oferecer remédios, educação, ruas, mas não, eles gostam de lama. E isso não me incomodaria, se não fosse a vila deles que se situa acima de um rico depósito de *unobtainium* num raio de 200km para qualquer direção. Quero dizer, olhe para toda essa fortuna! [ri]
 Jake: Então, quem vai fazer eles se mudarem? E se não quiserem?
 Coronel Miles: Eu aposto que eles irão se mudar.
 Parker: Só me ajude a encontrar qualquer coisa que faça eles se mudarem. Senão, a coisa vai ficar bem feia pra eles. Okay? (Avatar, 2009, tradução livre da autora).⁴⁶

Neste diálogo, na fala de Parker “nós tentamos dar a eles remédios, educação, ruas, mas não, eles gostam de lama” (Avatar, 2009) traz uma metáfora de como os colonizadores costumavam agir nas novas terras que encontravam. Como os portugueses agiram ao chegar

⁴⁵ Parker é o gerente administrativo (CEO) de uma empresa que busca extrair o minério. Coronel Miles é o líder do grupo militar presente em Pandora.

⁴⁶ No original:

Parker: Sully, just find out what the blue monkeys want. You know, I mean, we try to give them medicine, education, uh, roads, but no, they like mud. And that wouldn't bother me, it's just... their damn village happens to be resting on the richest *unobtainium* deposit within 200 clicks in any direction. I mean, look at all that cheddar! [laughs]

Jake: Well, who gets them to move? What if they won't go?

Coronel Miles: I bet that they will.

Parker: So just find me a carrot that will get them to move. Otherwise, it's gonna have to be all stick. Okay?

no Brasil, como inicialmente se relacionaram com os povos nativos que já estavam ocupando as terras, e o início da colonização delas pelos portugueses. O interesse pela ampla quantidade de minério em Pandora também seria uma metáfora para o interesse dos portugueses com as drogas do sertão (as especiarias brasileiras). Ou seja, são falas que dão para remeter ao colonialismo na floresta de Pandora.

Abaixo está a cena de Parker tocando no minério que estavam falando no diálogo anterior, que os humanos desejam extrair da floresta (QUADRO 1).

QUADRO 1 - PARKER E O *UNOBTAINIUM*



Fonte: GIFTRIANGLE

Dentre diversos diálogos do clã Omaticaya, que falam sobre a vida na floresta, seu ecossistema e sua mitologia da deusa *Eywa*, abaixo está o diálogo do primeiro encontro do protagonista Jake Sully (no corpo do seu avatar) com um Omaticaya. Após o protagonista se perder na floresta, ele se depara com um bando de animais silvestres e se sente ameaçado por eles, então começam a se atacar. Até que a Neytiri o vê e decide ajudá-lo:

Jake: Só gostaria dizer obrigado por matar aquelas coisas.

Neytiri: Não agradeça. Não se agradece por isso. Isso é triste. Somente muito triste.

Jake: Okay, me desculpe. O que quer que eu tenha feito, sinto muito.

Neytiri: Isso tudo é sua culpa. Eles não precisavam morrer.

Jake: Culpa minha? Eles que me atacaram, como que eu sou o vilão?

Neytiri: Sua culpa! Você é como uma criança, fazendo barulho e não sabendo como se comportar (Avatar, 2009, tradução livre da autora)⁴⁷.

⁴⁷ No original:

Jake: I just wanna say thank you for killing those things.

Neytiri: Don't thank. You don't thank for this. This is sad. Very sad, only.

Jake: Okay, I'm sorry. Whatever I did, I'm sorry.

Neytiri: All this is your fault. They did not need to die.

Ao Neytiri dizer “fazendo barulho e não sabendo se comportar” (AVATAR, 2009) para Jake, ela quis dizer se comportar no ambiente deles, na floresta. Pois neste ecossistema, há uma harmonia entre os animais e o clã, principalmente porque todos vivem em sintonia com *Eywa*. Então quando Neytiri os mata, ela se senta junto ao animal que morreu e profere uma oração em seu idioma para a sua partida.

A mensagem que é possível captar diante da narrativa da história é a relação que os seres vivos (humanos e Na’vi) têm em relação ao meio ambiente natural que estão inseridos, mesmo que pareça ser uma guerra entre humanos e o clã Omaticaya. Como se a guerra fosse somente as cenas e imagens, visto que é mostrado repetidamente no filme cenas dos ataques contra o clã. Mas a essência da narrativa, o sentido conotativo, é este pensamento dos humanos a respeito do meio ambiente natural, ou como eles enxergam este ambiente, como um recurso natural para evolução humana no planeta natal. Diferente de como o clã enxerga e convive com a floresta, de forma harmônica.

Como dizem os teóricos do movimento ambiental, essa relação entre os humanos e os não-humanos deve ser transformada para algo mais sustentável (Burchill, 2005). E por conseguinte, esse pensamento humano insustentável levou à destruição ambiental no filme.

Pode-se perceber o destaque do pensamento dos humanos a respeito dos não-humanos, em especial a natureza (a floresta de Pandora), neste diálogo abaixo:

Dra. Grace: Aquelas árvores eram sagradas para os Omaticaya em um nível que você não consegue imaginar.

Parker: Quer saber? Se você joga um graveto por aqui ele vai virar sagrado [ri]

Dra. Grace: Não estou falando de um vodu pagão, eu estou falando de algo real, algo mensurável para a biologia da floresta.

Parker: Que é o que, exatamente?

Dra. Grace: O que achamos que sabemos é que há algum tipo de comunicação eletroquímica entre as raízes e as árvores, como as sinapses entre os neurônios [...].

Parker: O que imagino que seja muita coisa.

Dra. Grace: Tem mais conexões que um cérebro humano. Não entende? Tudo isso é uma rede para eles [...] que ficam em locais como o que você acabou de destruir.

Parker: O que diabos vocês fumaram lá fora? São somente árvores! [ri]

Dra. Grace: Você precisa acordar pra realidade, Parker. A riqueza deste mundo não está no solo, está em todo o lugar. Os Na’vi sabem disso, e eles estão lutando para defender isso. Se você quer compartilhar este mundo com eles, você precisa entender eles.

Parker: Não, é você que precisa acordar.

Jake: My fault? They attacked me. How am I the bad guy?

Neytiri: Your fault! You’re like a baby, making noise and don’t know what to do.

Coronel Miles: Como não vai haver um acordo, acho que as coisas ficam bem mais simples (Avatar, 2009, tradução livre da autora)⁴⁸.

Esta cena foi logo após o ataque à *Tree of Souls*, que era o ambiente sagrado que Dra. Grace estava falando. A Dra. Grace explica para Parker como a floresta como um todo é importante para este povo, que não há como fazer uma extração do tamanho que estava sendo planejado.

Só pelo fato do filme retratar o colonialismo de forma subjetiva, é possível trazer o princípio da autodeterminação dos povos para o estudo de caso. O conceito que foi abordado no primeiro capítulo, é um marco nas Relações Internacionais. Mas o princípio se encaixa particularmente em dois momentos: ao perceberem que os Omaticaya são seres racionais, e que eles possuem algumas regras e costumes.

Neste diálogo acima, em que a Dra. Grace explica como a floresta é importante para o clã, ela descobriu isso depois da experiência da convivência no meio deles, que acabou aprendendo alguns dos costumes deles, e o costume vital percebido foi com a *Tree of Souls*. Como explicado no primeiro capítulo (na parte socioambiental), o clã demonstra possuir algumas regras de convivência, baseadas em *Eywa*, e uma delas é a não extração do que há debaixo da terra. Pois, dessa forma, tudo ali seria destruído. Aos humanos saberem disso, o que precisava ser feito era reconhecer e respeitar essas regras e locais sagrados do clã, e como a Dra. Grace diz para Parker: “a riqueza deste mundo não está no solo, está em todo lugar” (Avatar, 2009) e que “se você quer compartilhar este mundo com eles, você precisa entender eles” (Avatar, 2009). Da mesma forma como o direito à autodeterminação dos povos faz de maneira jurídica para os países do globo.

⁴⁸ No original:

Dra. Grace: Those trees were sacred to the Omaticaya in a way you can't imagine.

Parker: You know what? You throw a stick in the air around here, it's gonna land on some sacred fern, for Christ sake [laughs]

Dra. Grace: I'm not talking about some kind of pagan voodoo here. I'm talking about something real, something measurable in the biology of the forest.

Parker: Which is what exactly?

Dra. Grace: What we think we know is that there is some kind of electrochemical communication between the roots to the trees, like the synapses between neurons [...]

Parker: Which is a lot, I'm guessing.

Dra. Grace: It's more connections than the human brain. Get it? It's a network [...] at sites that the one you just destroyed.

Parker: What the hell have you people been smoking out there? They're just goddamn trees! [laughs]

Grace: You need to wake up Parker, the wealth of this world isn't in the ground, it's all around us. The Na'vi know that, and they're fighting to defend it. If you want to share this world with them, you need to understand them.

Parker: No, you need to wake up.

Coronel Miles: Since a deal can't be made, I guess things get real simple. (Um acordo entre eles e o clã sobre o minério).

Em conjunto com o movimento ambiental, é preciso aprender a ser sustentável, transformar a forma de se relacionar com o meio ambiente, tendendo a diminuir as atitudes destrutivas e degradantes que os humanos costumam agir (Burchill, 2005). De forma a não extrair tudo que existe até que se torne escasso. No filme, é extraído de forma que gera consequências, destruindo tudo ao redor.

Após este diálogo, não convencido com a importância da floresta e de todo o resto, o Coronel Miles se junta a Parker para seguir com o plano de ataque à *Hometree*, a casa desse povo. O diálogo abaixo foi o Coronel Miles convencendo Parker de seu plano:

Coronel Miles: Eu farei isso com o mínimo de baixas para os indígenas. Vou expulsá-los primeiro com fogo. Será de forma humana, mais ou menos.
Parker: Certo, vamos puxar o gatilho (Avatar, 2009, tradução livre da autora).⁴⁹

Parker, o empresário, um pouco antes, parecia refletir sobre o que a dra. Grace havia falado sobre a importância da floresta para os Na'vi. Mas, o Coronel Miles, nada convencido, proferiu estas palavras para tentar convencer de que ficaria tudo bem, mesmo após a realização do plano.

Tanto neste diálogo, como no anterior, houve uma prática de sofismo. O que é sofismo? Como explicado no primeiro capítulo com Dobson (2008), o sofismo é um raciocínio que defende algo falso, para confundir e até iludir, mas na maioria das vezes, é um raciocínio incorreto. Parker no diálogo anterior nega toda a pesquisa de dra. Grace, e diz que são somente árvores, e que não possuem nenhuma importância para nada nem para ninguém. Assim como a fala do Coronel Miles neste diálogo acima, tentando convencer Parker de que o plano não será maldoso nem horrível. Torna-se um raciocínio iludido, que até mesmo ele parece hesitar, dizendo no final “mais ou menos”.

Após isso, foi aprovado o segundo ataque e último contra a floresta, e consequentemente inicia uma guerra contra o clã Omaticaya, que estaria de frente para proteger seu lar e suas vidas com todas suas forças.

Então, seguem abaixo as cenas dos dois ambientes mais importantes do clã, ao mesmo tempo dois ambientes com vasta quantidade de recursos minerais, que foram alvos dos ataques pelos humanos (QUADRO 2 e QUADRO 3).

⁴⁹ No original:

Coronel Miles: I'll do it with minimal casualties to the indigenous. I'll drive them out with gas first. It'll be human, more or less.

Parker: Alright let's pull the trigger.

QUADRO 2 - *TREE OF SOULS*

FONTE: WORLD-OF-PANDORA

QUADRO 3 - *HOMETREE*

FONTE: CHRISTOPHUR

A *Tree of Souls* (QUADRO 2), como dra. Grace já havia dito em um diálogo anterior, é o ambiente em que este povo se conecta com seu transcendente (a deusa *Eywa*). Pois era um ambiente exclusivo que amplificava essa conexão entre o ser e transcendente, mais que em outros locais da floresta. Para o espectador, ao trazer os valores da sociedade, a *Tree of Souls*⁵⁰ pode ser interpretada como um ambiente sagrado religioso. Portanto, o sentido conotativo, vai interpretar esta cena como muito mais que um ataque à esta parte da floresta, vai ser percebido a importância deste ambiente e como o ataque foi desrespeitoso para o clã. Que não tiveram tempo para digerir o que estava acontecendo, pois estavam se preparando para proteger seu lar do próximo ataque.

⁵⁰ Traduzido do inglês: *Árvore das almas*.

Além disso, é importante frisar que nem todo o povo Na'vi em Pandora acredita em *Eywa* como o clã Omaticaya. Há diversos outros clãs e comunidades em Pandora que possuem seus próprios costumes.

O final do filme se dá com a perda do ambiente natural do clã (QUADRO 2 e QUADRO 3), e uma migração forçada do mesmo para habitar outra parte de Pandora. O conflito termina com o assassinato do Coronel Miles, e uma parte dos humanos retornam à Terra (mas voltam para Pandora no segundo filme com o mesmo intuito de extrair outro recurso). O grupo que simpatizou com os Na'vi (Jake Sully, dra. Grace e Norm Spellman), e que lutou ao seu lado durante o conflito, somente Jake Sully conseguiu sobreviver, e com isso ele permanece em Pandora como parte do clã Omaticaya.

Diante do exposto, a técnica de análise semiótica fez perceber que os elementos conotativos e subjetivos estão muito presentes neste filme, do que somente os elementos denotativos e (muito menos) os objetivos. De acordo Lakshmi (1986) com a técnica de análise semiótica, o signo do filme *Avatar* (2009) estaria em torno da questão ambiental e das consequências das degradações ambientais. E que este sentido conotativo vai contribuir imensamente para o senso crítico do espectador, fazendo com que alcance a mensagem sustentável do diretor James Cameron.

E de acordo com os argumentos de Engert e Spencer (2009), eles analisam os filmes que possuem narrativa objetiva, e os filmes mais realistas (baseado em fatos reais), e ao mesmo tempo que tratam de política internacional; da mesma forma como Lakshmi (1986) fala sobre o cinema realista também, de querer retratar uma “verdade” através das telas para o espectador, este filme em questão não possui esta narrativa. Mas traz elementos e problemáticas das RI, como a questão ambiental e colonialismo, de forma fictícia, o que também é possível para Engert e Spencer (2009), como apresentado no capítulo anterior.

4.3 CONCLUSÕES

Retratar diferentes realidades por meio dos filmes é algo que a autora Lakshmi (1986) identifica como importante para a sociedade. Pois, diante dos filmes realistas (baseados em fatos reais), as realidades retratadas escolhidas podem não ser muito conhecidas pela sociedade internacional, tornando-se mais conhecidas, e para quem se identifica com essas realidades se vê minimamente representado. Como diz a autora para o seu estudo de caso: “Não apenas para compreender as imagens na tela, mas também para investigar por que se

tenta apresentar as mulheres de uma maneira particular” (Lakshmi, 1986, p. 113)⁵¹. Ou seja, é questionar-se o por que do tema que está sendo tratado (o signo) é importante ser apresentado e debatido por meio dos filmes. E assim, fazer com que o espectador absorva e crie um senso crítico sobre aquilo retratado.

Diante do estudo de caso desta presente pesquisa, é possível que algum espectador tenha interpretado o filme como humanos *versus* extraterrestres, mas a mensagem que o diretor quer passar é sobre a população ter a devida atenção sobre seus atos com o meio ambiente. É sobre o desenvolvimento sustentável, as atitudes sustentáveis e de respeito com o meio ambiente que se insere, que a natureza não é somente recursos naturais, e que, na verdade, são recursos finitos que se for para serem utilizados, devem ser utilizados com consciência e moderação.

⁵¹ No original: Not only to understand the images on the screen but also to probe why presenting women in a particular way is attempted.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho são, de certa forma, um apurado do que foi apresentado e concluído em cada capítulo desta pesquisa.

Após apresentar a introdução, o segundo capítulo aborda sobre o movimento ambiental e o princípio da autodeterminação dos povos. Apresentando o debate sobre uma teoria nova inserida neste movimento ambiental, a chamada teoria da política Verde, que se tornou um pouco diferente dos pensamentos iniciais dos ambientalistas. Fazendo com que surgisse um novo tipo dentro do movimento, os verdes. É apresentado como os verdes pensam dentro do movimento ambiental, suas contribuições, começando sobre a relação humana com os não-humanos, que seriam o meio ambiente natural e os seres vivos. Os verdes acreditam que o agir dos seres humanos é tendencioso pela repetição destrutiva (principalmente ambiental), em ordem de se alcançar seus interesses que são majoritariamente materiais. E para isso, alguns conceitos foram criados pelos verdes como formas de solução para a convivência no sistema vigente. O mais popular entre os acadêmicos, foi o conceito do ecocentrismo de Eckersley (1992), que tornou-se popular por receber várias críticas e, na verdade, não foi muito aceito pelos ambientalistas, nem muito pelos verdes também.

Em suma, o debate fez perceber que a questão ambiental permanece difícil de se encontrar uma saída para melhorar a situação atual, e para prevenir problemas futuros. Até mesmo os acadêmicos possuem uma ótica mais pessimista quanto à situação ambiental e a vida na terra. Contudo, mesmo que os ambientalistas se diferem dos verdes, todos os tipos do movimento possuem algo em comum, que seria o elemento ecológico e a luta pelo sustentável.

Após isso, foi feita a revisão de literatura, que foi uma abordagem mais histórica sobre a relação da indústria cinematográfica com a área das Relações Internacionais. Sendo altamente conclusivo que essa relação é possível diante dos exemplos expostos. Várias obras, de diferentes gêneros e períodos, foram usadas como exemplo para demonstrar como a indústria cinematográfica é relacionável para a área de RI, tanto para retratar eventos históricos (com filmes baseados em fatos reais), como para retratar questões e problemáticas das RI (genocídio, terrorismo, feminismo, questão ambiental etc.), ou mesmo sendo possível analisar de forma acadêmica, com alguma teoria das RI, trazendo essas obras para o ambiente acadêmico também.

De início, neste capítulo, é abordado sobre a indústria de Hollywood como sendo a mais popular e célebre indústria de cinema do mundo, sendo ela a responsável pela a cultura

do cinema na sociedade internacional. Possuindo grande participação na política internacional para os Estados Unidos desde o início. Com o passar do tempo, foi percebido que os filmes se tornaram uma ferramenta de *soft power* para os países. Atuando com objetivo de influenciar a ideologia ou o pensamento do espectador. Dessa forma, os Estados Unidos utilizou dessa estratégia demasiadamente durante a Guerra Fria (com o anticomunismo) e na Guerra contra o Terror (estereotipando e criando preconceitos contra a população muçulmana e árabe). Portanto, é conclusivo, neste capítulo, a relação entre a indústria cinematográfica e as Relações Internacionais, até mesmo com filmes de gênero ficção científica, não se limitando somente a obras que tratam de fatos reais.

Para finalizar, o último capítulo é o estudo de caso deste trabalho. Primeiro, é apresentado a técnica de análise cinematográfica, em especial a análise semiótica de Lakshmi (1986), que se relaciona bastante com a forma de Engert e Spencer (2009) analisarem os filmes em sua pesquisa. Ao detalhar esta técnica, ela será utilizada para o estudo de caso, cujo objeto de pesquisa é o filme *Avatar* (2009). Utilizando de diálogos do filme, e algumas cenas em formato de gif para apresentar na prática.

Durante o estudo de caso, é retomado as questões trazidas no primeiro capítulo, sobre o pensamento ambiental do movimento, e o princípio da autodeterminação dos povos na prática em um ambiente ficcional. Sendo possível concluir o objetivo de analisar o filme, de forma cinematográfica e incluindo conceitos de RI já abordados previamente. Através da técnica de análise semiótica de Lakshmi (1986), e de argumentos de autores como Zanella e Junior (2015), Engert e Spencer (2009). Estes afirmaram a possibilidade do uso de obras cinematográficas dentro do ambiente acadêmico, não somente historicamente, para a área de Relações Internacionais.

REFERÊNCIAS

AVATAR. Direção: James Cameron. Produção: James Cameron e Jon Landau. Local: 20th Century Studios, 2009 (2h42min). Disponível em: www.disneyplus.com.br

AVATAR: THE WAY OF WATER. Direção: James Cameron. Produção: James Cameron e Jon Landau. Local: 20th Century Studios, 2022 (3h12min). Disponível em: www.disneyplus.com.br

Avatar Wiki. **Fandom.com**. Disponível em: [https://james-camerons-avatar.fandom.com/wiki/Avatar_\(film\)](https://james-camerons-avatar.fandom.com/wiki/Avatar_(film)). Acesso em 03 mar. 2023

BRAGA, M. H., & COSTA, V. da (2013). **Em busca da realidade urbana: a construção hollywoodiana de Los Angeles**. *Estudos Históricos (Rio De Janeiro)*, 26(51), 239–242. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/PMcp59vzwgBwg4hjfxK3sXr/>. Acesso em 10 Nov 2023.

BURCHILL, Scott; PATERSON, Matthew; et al. **Theories of International Relations**, Third Edition. New York: Palgrave Macmillan, 2005. Disponível em: https://professorbellreadings.files.wordpress.com/2016/09/scott_burchill_et-al-_theories_of_intern.pdf. Acesso em 16 jun 2023.

CALEIRO, João Pedro. **De Bolly a Nollywood: as 4 megaindústrias de cinema no mundo**. *Exame*, 6 jun 2014. Disponível em: <https://exame.com/economia/de-bolly-a-nollywood-as-4-megaindustrias-de-cinema-do-mundo/>

CANAL BRASIL. **Ariano Suassuna Sangue Latino**. Canal Brasil, 2018. 1 vídeo (22min). Disponível em: <https://youtu.be/42ib2FJMEwQ?si=xxROYVoSzzfbma3i>. Acesso em 26 set 2023.

CARTA DO ATLÂNTICO. **Organização das Nações Unidas**, 1941.

CHRISTOPHUR. *Hometree*. 2014. 1 gif. Disponível em: <https://christophur.tumblr.com/post/87409235920/avatar-scenery> Acesso em 04 Dez 2023.

Cinema e Relações Internacionais. [Locução de]: Geraldo Zahran. Entrevistados: Cristine Zanella, Mauricio Santoro. Chutando a Escada, 10 de Ago. 2017. Podcast. Disponível em: <https://chutandoaescada.com.br/2017/08/10/chute-012-cinema/> Acesso em 11 abril 2023

COUGHLAN Sean, ROSNEY Daniel. **‘The Crown’**: Série pode mudar a imagem da monarquia britânica?. *BBC News Brasil*, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63578233#:~:text=A%20Netflix%20afirma%20que%20a,hist%C3%B3ricos%22%2C%20diz%20a%20Netflix.>

DOBSON, ANDREW. **Green Political Thought**. Quarta edição. Estados Unidos e Canadá: Routledge, 2007.

DOBSON, ANDREW. “**Nature (and Politics).**” *Environmental Values*, vol. 17, no. 2, 2008, pp. 285–301. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/30302642>. Acesso em 23 Set. 2023.

DRYZEK, John S. *The American Political Science Review*, vol. 87, no. 3, 1993, pp. 765–765. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/2938756>. Acesso em 23 Set. 2023.

ENGERT, S., SPENCER A. “**International Relations at the Movies: Teaching and Learning about International Politics through Film.**” *Perspectives*, vol. 17, no. 1, 2009, pp. 83–103. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/23616105>. Acesso em 10 Nov. 2023.

GIFTRIANGLE. Parker e o *Unobtainium*. 2023. 1 gif. 440x220 pixels. Disponível em: <https://tenor.com/fr-CA/view/unobtainium-superconductor-float-gif-7277135923322770612> Acesso em 04 Dez 2023.

IKENBERRY, G. John, and JOSEPH S. Nye. *Foreign Affairs*, vol. 83, no. 3, 2004, pp. 136–37. *JSTOR*. Disponível em <https://doi.org/10.2307/20033985>. Acesso em 14 abril. 2023.

KREUTZ, Katia. **Cinema soviético.** *Academia Internacional de Cinema*. 20 nov 2018. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/cinema-sovietico/>

KREUTZ, Katia. **Hollywood:** da Era de Ouro aos blockbusters. *Academia Internacional de Cinema*. 04 fev 2019. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/hollywood-da-era-de-ouro-aos-blockbusters/>

LAKSHMI, C. S. “**Feminism and the Cinema of Realism.**” *Economic and Political Weekly*, vol. 21, no. 3, 1986, pp. 113–15. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/4375221>. Acesso 5 Nov. 2023.

MACDONALD, Bradley J. *Perspectives on Politics*, vol. 5, no. 4, 2007, pp. 810–12. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/20446582>. Acesso 27 Set. 2023.

MARQUES, Mariana R. **Cinema em Hollywood:** A história completa. *Instituto de Cinema*. São Paulo. Disponível em: <https://institutedecinema.com.br/mais/conteudo/cinema-em-hollywood-a-historia-completa>

MATTIELLO, R; BRANDALISE, L. T. **Política Verde:** Novo Paradigma das Relações Internacionais. *Revista Competitividade e Sustentabilidade. ComSus. Paraná*, 22 abril 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/comsus/article/view/12970/9545> . Acesso em 27 abril 2023.

MORAES, Isaias Albertin. “**Política e cinema na era da Boa Vizinhança (1933-1945)**”. *História e Cultura*, v. 4, n. 1, 2015, p. 277-301. Acesso em 27 Nov 2023.

MURPHY, James Bernard. *Politics and the Life Sciences*, vol. 12, no. 2, 1993, pp. 281–83. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/4235966>. Acesso 27 Set. 2023.

NYE, Joseph S. **Soft Power:** The Means to Success in World Politics. New York: Public Affairs, 2004.

SERDOUK, Ali. “**Hollywood, American Politics, and Terrorism**: When Art Turns into a Political Tool.” *Arab Studies Quarterly*, vol. 43, no. 1, 2021, pp. 26–37. *JSTOR*, <https://doi.org/10.13169/arabstudquar.43.1.0026>. Acesso 5 Nov. 2023.

SHIVA, Vandana. ***Staying Alive: Woman, Ecology and Development***. Reino Unido: Zed Books Ltd., 1988.

THEBAS, Isabela. **A Origem do Cinema**. *Instituto de Cinema*. São Paulo. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>

WORLD-OF-PANDORA. *Tree of Souls*. 1 gif. 2020. Disponível em: <https://world-of-pandora.tumblr.com/post/638981255417987072> Acesso em 04 Dez 2023.

ZANELLA, C. K.; JÚNIOR, E. J. N. **As Relações Internacionais e o Cinema, Volume 1: Espaços e Atores Transnacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.